◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

Marina de Barros Collaço

'O outro lado do tipo ruim'

O diabetes tipo 1 é o mais difícil de ser enfrentado e tem um grande impacto emocional, mas também ensina a resiliência e a superar preconceitos e expectativas

"Eu sempre falo que o diabetes não é só tomar insulina, comer direito e fazer exercícios. O diabetes envolve muito mais coisas, responsabilidades, acertos, erros e pesos. São cobranças que acontecem independentes de você se cuidar ou não". Assim, a escritora e blogueira Marina de Barros Collaço define a diabetes, especialmente a tipo 1, doença crônica que costuma se manifestar na infância e adolescência e fica para a vida toda. Do total de diabéticos no Brasil apenas 10% são desse tipo. Marina é um desses pacientes desde os16 anos. Autora de dois livros, a jovem de 32 anos, conhece profundamente a doença e o cotidiano de quem a tem. Por isso, criou o blog Diabética tipo Ruim onde fala sobre as dificuldades enfrentadas pelos pacientes e o aprendizado que a doença traz.

POR ANA CAROLINA JANUÁRIO

Mural Entrevista: Você acha que a diabetes tem sido divulgada ou ainda é desconhecida tanto no meio médico quanto para pessoas comuns?
Marina: O diabetes tem sido divulgado para aqueles que buscam a informação disponível graças à internet, mas o grande problema continua sendo a comunicação de massa. Fala-se um pouco sobre o diabetes tipo 2, mas sobre o tipo 1 falta muita informação para essa parcela tão pequena de diabéticos. A informação existe, mas só para quem a busca.

Você expõe um lado do diabetes que vai além da bomba, insulina e dietas. Que lado é esse?
Eu comecei a falar sobre esse lado emocional, sobre como é ter uma doença sem cura, por uma necessidade que eu sentia de ter esse tipo de informação. E ninguém falava sobre isso, embora todo mundo sofria. Quanto mais eu falava, mais pessoas se identificavam e se relacionavam, o que fez com que muitos passassem a compartilhar sobre como se sentiam, sobre o que é ter uma doença que te cobra tanto todos os dias. Isso ajuda no tratamento. Falar sobre o lado emocional é um tratamento multidisciplinar.

Por que você acha importante mostrar esse lado?
Eu sempre falo que o diabetes não é só tomar insulina, comer direito e fazer exercícios, o diabetes envolve muito mais coisas, responsabilidades, acertos e erros, pesos e são cobranças que acontecem independentemente de você se cuidar ou não. Os frutos de um não tratamento vem com o tempo e mesmo o cuidar traz pesos, apesar de você eliminar grande parte dos riscos decorrentes do não tratamento. Falar sobre o lado emocional torna-se parte do tratamento porque é preciso que as pessoas entendam que é uma doença, que não tem como virar as costas, que o problema vai continuar ali.

Sua página é uma forma de colocar os seus sentimentos sobre o diabetes?
Sim, a minha página começou e hoje ainda é um diário pessoal mesmo depois de dois anos. Eu coloco lançamento de produtos, posts informativos, mas a página é mais um diário de bordo, minhas experiências e pensamentos sobre o diabetes, o que é um motivador para outras pessoas.

Você prefere passar um lado mais positivo ou mais realista da doença? Por que?
Eu costumo dizer que sou uma pessoa que não vê o copo nem meio cheio nem meio vazio. Prefiro ver o que tem dentro do copo, porque independente de quanto tem, o mais importante é o que tem. Eu prefiro uma visão realista, não floreada sobre a doença. Isso faz com que você entenda preto no branco que você tem uma doença e quais são as consequências, eu prefiro entender e não fugir.

O que o diabetes te ensinou e te trouxe de bom e de ruim?
Me ensinou muitas coisas, mas as melhores foram as pessoas que eu conheci e criei amizades por causa da doença. Também me ensinou a superar preconceitos, expectativas, ser mais organizada. Me ensinou muito sobre resiliência e sobre como existem pessoas boas e pessoas cruéis no mundo. O diabetes me trouxe meu trabalho, minha profissão e hoje eu não me importo mais em ser diabética.

Qual o aspecto da doença mais difícil para você hoje ?
Hoje a parte mais difícil são os custos. O alto custo para ter o melhor tratamento é um dos pontos mais negativos. Também me cansa muito a rotina, ter que parar de fazer as atividades diárias porque a bomba está apitando, porque acabou a insulina, porque eu preciso medir; isso ainda me irrita muito, não é uma coisa prazerosa, mas eu consigo conviver bem.

Você acha que ainda existe preconceito com o diabetes e com o diabético?
Eu acredito que sim, que o preconceito existe e vem da falta de informação. As pessoas não sabem e não se interessam em saber sobre o diabetes tipo 1 e cabe aos próprios diabéticos e aos blogueiros ensinar e educar porque a informação é a única arma contra o preconceito.

Quais formas você indica para que outros diabéticos também possam desabafar sobre a doença?
Eu comecei a desabafar sobre a doença escrevendo um diário, onde podia ser sempre sincera porque ninguém ia ler. Eu sempre falo para as pessoas usarem uma forma em que possam ser sinceras, sem o medo de serem julgadas. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

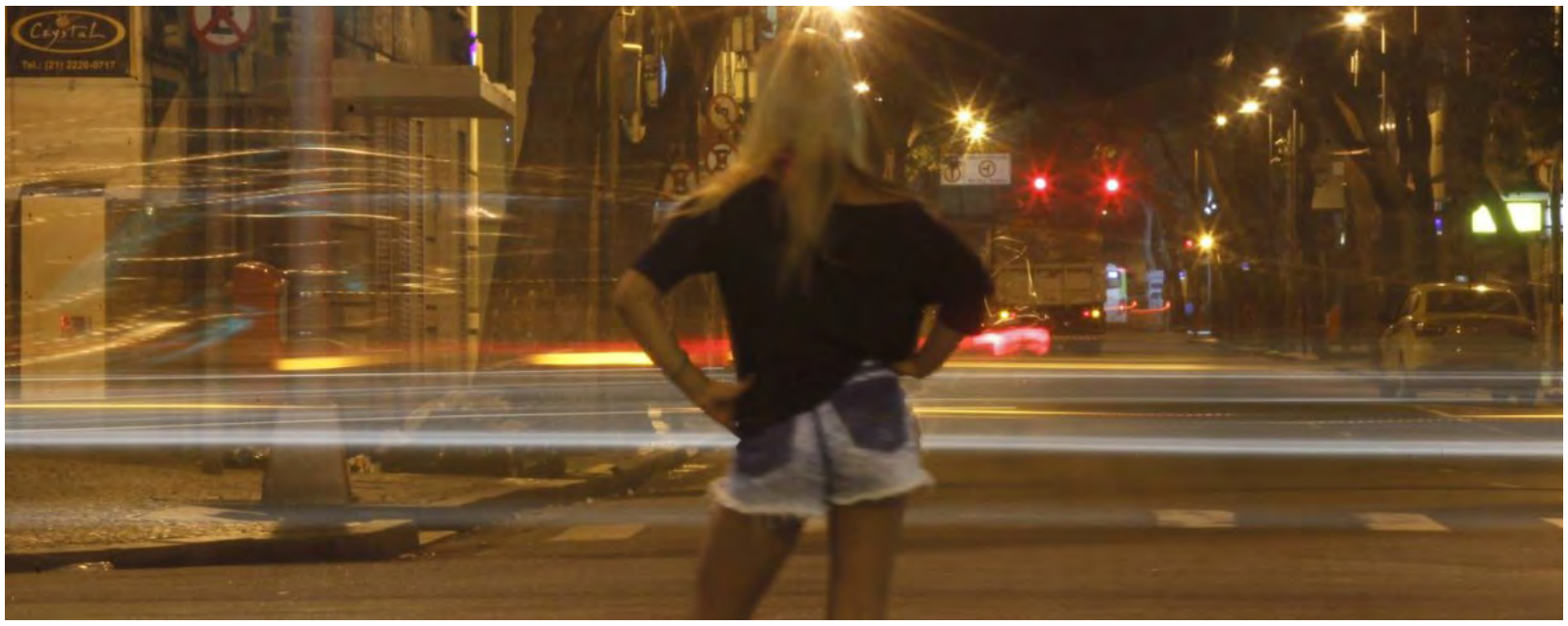
TRANSEXUAL ANÔNIMA

'Duplo Preconceito '

Transexual revela como entrou para a prostituição e denuncia o tratamento discriminatório que recebe da sociedade. Afirma que se tivesse uma chance gostaria de mudar de vida

A entrevistada, que preferiu não revelar a identidade por medo da sociedade ou de ser reconhecida na rua, tem 25 anos e há sete anos entrou para o mundo da prostituição. Ela já brigou por seus direitos, mas hoje desistiu do sonho de uma vida melhor e acredita que a prostituição será seu único caminho

POR ANA JULIA ZANCHETTA



Mural Entrevista–Por que você decidiu se prostituir?
Transexual Anônima - Eu comecei na prostituição porque meus pais me abandonaram quando revelei que era um homem preso no corpo de uma mulher, sem caminho e sem rumo. Duas mulheres que hoje são praticamente minhas irmãs me acolheram. Falaram que a minha vida seria assim a partir de agora, vendendo o meu corpo. Primeiramente, fiquei chocada, não aceitava fazer isso, chorava todas as noites. Hoje, já me acostumei, não odeio e nem amo, só vi que isso faz parte de mim.

Quais são os preconceitos? Você acredita que isto vai acabar algum dia?
É engraçado você me perguntar isso, é o que mais existe. Se o Brasil fosse bom etivesse uma mente aberta, eu não estaria escondendo minha identidade, deixaria publicar meu nome nesta entrevista com maior orgulho, mas já que a vida não é assim, só resta me iludir e pensar que um dia vai acabar. Eu não preciso falar, nem citar, veja na TV, no jornal e na internet. Todo dia acontece uma morte, um suicídio de alguém que não aguenta mais essa vida, só recebo preconceito e porrada porque nasci homem e na verdade eu sou uma mulher. É difícil aceitar isto. Olha, você acredita em coelho da Páscoa? Minha fé foi igual a de uma criança, tinha esperança e hoje vejo que foi só mais uma ilusão.

Como é o seu dia a dia?
Acordo às 17h, aí me arrumo e fico pronta às 21h. Desço para o ponto, faço em média cinco clientes por dia, dou uma parte ao cafetão. Vou para minha casa com as meninas, não tem nada de extraordinário, tudo normal, como um trabalho qualquer. Só que o meu trabalho é vender meu corpo.

Ainda é um tabu falar sobre este estilo de vida?
Lógico que é meu "amore". Você acha mesmo que é o sonho de toda família ter uma filha ou filho vendendo o corpo? Claro que não, mas é pura hipocrisia. Se o filho ou a filha fica famoso e posa nua em algum lugar é lindo. Bem, eu só vejo que ela está vendendo corpo, só que sem fazer sexo.

Quais riscos na sua profissão?
A morte, não tem outra coisa. Você não sabe se o cara quer só uma noite ou se quer te matar. A morte é a única coisa que me dá medo.

A senhora se sente ou já se sentiu ameaçada e com medo?
Lógico que sim. Um dia eu peguei um cliente que gostava de sadomasoquismo. Sou liberal com tudo, lógico que aceitei, mas ele começou a me enforcar. Fui ficando sem ar e desesperada achando que ele queria me matar. Dei uma cabeçada. Acho que ele gostou tanto de mim que é meu cliente até hoje. Sem brincadeira, isso é verdade.

Quais os maiores problemas e dificuldades de sua profissão?
Os maiores problemas acontecem no começo, aceitar que está vendendo o corpo, é difícil assumir que aquilo é seu trabalho, a dificuldade de ser trans. Não tem outra coisa.

Quais as vantagens e aspectos positivos desta vida?
Hoje, tenho os amigos da comunidade que anda crescendo. Eles respeitam quem eu sou. Fico tão orgulhosa por esta minha profissão, não porque gosto de proporcionar prazer, mas sim porque eles me acham uma guerreira e a melhor pessoa deste mundo. Quando conto meus programas, eles me acham corajosa.

A senhora gosta do que isto proporciona?
Sim, gosto da minha nova família e dos meus amigos. Minha vida vem daí. Se eu continuasse presa àquele corpo não seria a mesma, seria um homem ou nem estaria aqui neste mundo.

Qual foi o caso mais engraçado que você lidou? Qual foi o pior?
O mais engraçado foi quando eu estava pronta para tudo acontecer e o cara não fez nada. Começou a chorar e pedir socorro porque não sabia o que estava acontecendo com ele. Ele descobriu comigo que era gay e hoje está casado. Fui madrinha do casamento deles. O pior foi quando um cara queria se matar e me levar junto com ele. Eu gritei socorro e todo mundo do motel achou que eu queria matar. No final, uma amiga estava no quarto ao lado e fugimos. Não corri muitos perigos, meu "cafetão" protege muito bem a gente.
A senhora pretende sair desta profissão e trabalhar em outra atividade?
Como eu conseguirei um trabalho sendo trans? É difícil ser aceita, meu sonho era estudar direito. Eu fazia o dobro de programas, queria juntar dinheiro para pagar a faculdade, comprar os materiais e algumas roupas novas. No dia do vestibular, fui barrada, chorei tanto, mas hoje vejo que foi em vão sonhar que um dia eu lutaria por todos da comunidade LGBT. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

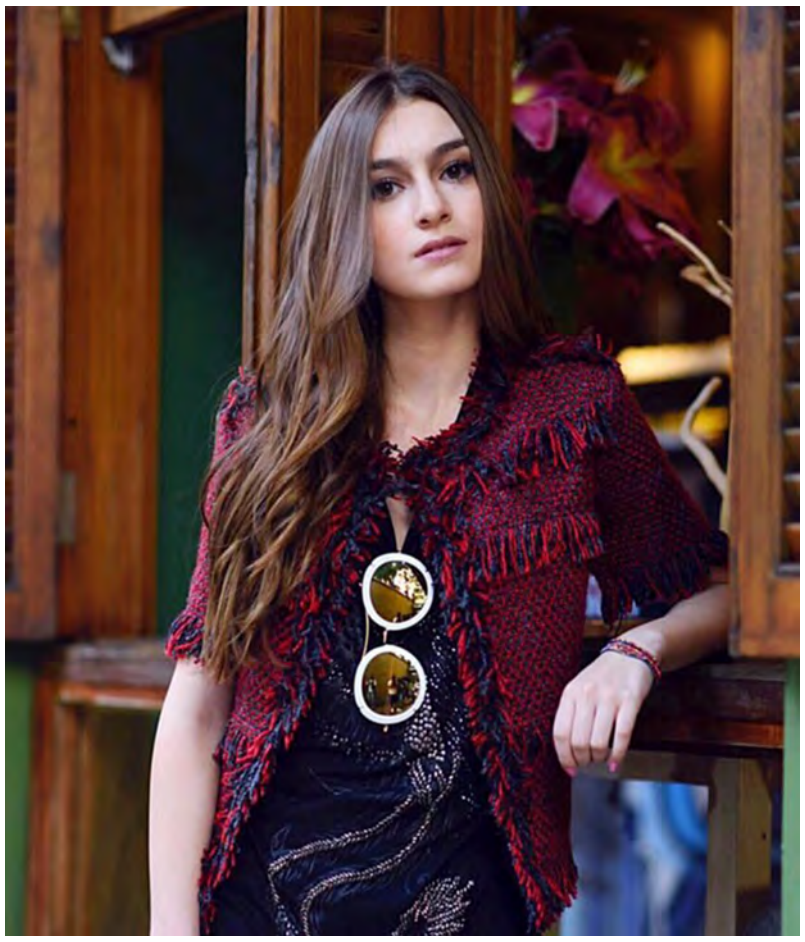
MAITÊ FAITARONE

'Cada vez mais digitais influencers'

De garota do interior para *it igirl* das passarelas, o universo das blogueiras influencers cresce a cada ano. Uma profissão nova, rentável e muito atraente

Digital influencer é o profissional que produz e divulga conteúdos em mídias sociais para influenciar o comportamento e a opinião pública. É uma área de trabalho em crescimento e até mesmo curso superior de Digital Influencer já é oferecido no Brasil. Atraente, rentável e jovem, esse mercado dos influencers ainda é desconhecido e gera dúvidas. A blogueira Maitê Faitarone, de 14 anos, conta um pouco sobre o dia-dia dessa profissão. Com espaço significativo nas mídias, a it girl vem se destacando entre as blogueiras mais velhas e chamando cada vez mais a atenção de patrocinadores.

POR ANDRIELLY FERRO



MURAL ENTREVISTA: Como e quando tudo começou?
MAITÊ FAITARONE**:** Comecei há três anos. Não tinha nada planejado, sempre fui muito conectada à internet e fui fazendo amizades virtuais que me incentivaram a criar uma plataforma. Eu fazia fotos criativas com looks diferentes e cada vez mais fui conseguindo seguidores e trabalhos foram aparecendo.

Como é sua rotina de trabalho?
Sempre digo que uma influenciadora não tem rotina a ser seguida como nos demais trabalhos. Muitos dias almoço e troco de roupa no carro, não tenho hora certa para acordar e muito menos para dormir. Existem os dias em que estou mais tranquila e os mais cheios de compromissos. A única rotina é conciliar o trabalho com os estudos. Quando o dia está cheio eu estudo na parte da manhã e durante a tarde sigo viagem para São Paulo, que é onde tudo acontece. Lá vou a eventos, reuniões e aos desfiles que faço parte. Quando não, eu estudo de manhã e à tarde produzo conteúdo em casa mesmo. Não é um trabalho fácil, porém dou conta!

Você mesma comercializa seus canais sociais ou tem profissionais que administram essa parte?
Eu mesma. Acho que dessa forma me conecto muito mais aos meus seguidores, não perco a essência, consigo transmitir a mensagem que eu quero, da maneira que eu acho mais interessante. Sem burocracias. Faço praticamente tudo sozinha em relação às redes, postagens, vídeos e edições.

Qual é o diferencial dos digitais influencers mais jovens, como você, para serem valorizados pelo mercado?
Depende muito. Existem empresas que preferem perfis mais jovens, outras preferem mais velhos. Eu faço um perfil onde posso trabalhar com campanhas da minha idade como também de idades acima da minha. As empresas sabem reconhecer esses tipos. Eu acredito que a criatividade é um critério determinante para o nosso trabalho. Quanto mais criativo e original você for, mais chances de ser reconhecido você têm. Os pequenos são ótimos em originalidade e os patrocinadores gostam disso.

Existe algum benefício pessoal ou profissional em atuar ao lado de it girls e celebridades mais velhas que você?
Por abordar vários temas nas minhas redes sociais meu público é bem amplo. Tenho amizades com influencers mais novas e mais velhas do que eu. Os benefícios existem sim, me espelho muito nos trabalhos que dão certo e acredito que as mais velhas têm bons conselhos para compartilhar, já que têm uma experiência relativamente maior.

Há algum tipo de competição entre as blogueiras de um modo geral?
Acredito que não. Eu não tenho problema com ninguém mesmo porque admiro o trabalho de várias. Também não vejo nenhuma competição entre as que eu conheço. Cada uma tem seu espaço e para alcançar o objetivo esperado ninguém precisa ser melhor do que ninguém, muito pelo contrário, os conteúdos são sempre compartilhados, uma dá suporte para outra e temos uma relação bem harmônica. Uma mão lava a outra.

Você tem apenas 14 anos. Frequenta escola normalmente? Recebe algum tratamento especial em ambiente escolar?
Sim, frequento a escola normalmente e sou tratada como uma aluna normal, tanto pelos colegas, quanto pelos professores. Acho isso bem bacana e não teria porque o tratamento ser diferente.

Uma universidade em Recife vai implantar no próximo ano uma graduação Digital Influencer. Como você vê o surgimento desse curso?
Acho um máximo a implantação do curso aqui no Brasil, a internet está cada vez mais presente na vida das pessoas e as faculdades precisam acompanhar essas novas profissões. Pelas informações que eu tenho a graduação não será necessariamente um curso para quem está nas frentes das câmeras, os alunos vão ter instruções de planejamento de marketing, edição de vídeos, gestão de mídias sociais, entre outras disciplinas. É uma oportunidade de aperfeiçoamento do que já existe e um auxílio para aqueles que não sabem nem como começar.

Qual a dica que você acha válida compartilhar com o público que tem o sonho de se tornar influente no meio digital?
Uma dica que eu dou é sempre pesquisar, acompanhar e tirar conclusões de outros influencers. É um trabalho que precisa estar sempre se reciclando. A tecnologia avança muito rápido e a internet muda a todo o momento, um influencer não pode parar, precisa estar sempre atento a idéias novas, o mundo está cheio de pessoas fazendo as mesmas coisas. Seja original, com certeza trabalhos surgirão. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 21017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

DAVI SIMÕES

'A ciência luta para sobreviver'

As mídias sociais, especialmente os canais no Youtube, ajudam a divulgar informações científicas e mostrar à sociedade porque é improtante conhecer ciências

A divulgação científica vem ganhando espaço nas plataformas digitais como o YouTube, uma ferramenta muito utilizada recentemente pelos divulgadores. Os espaços para a disseminação de conteúdos científicos estão sendo cada vez mais acessados pelo público amante da ciência e internautas que buscam respostas para saciar suas curiosidades. Canais como o "BláBlálogia", que reúnem divulgadores de diversas áreas da ciência, adotam métodos para manter o público envolvido com os assuntos, de maneira didática e interativa. Davi Simões é graduando em Física e trabalha com divulgação científica, pesquisa em física teórica e produz vídeos para o YouTube em seus dois canais, o "Primata Falante" e "Primata Falante 2". Os vídeos do canal principal são bem detalhados e referenciados, trazendo seu ponto de vista acerca de diversos assuntos, como a ciência de filmes e séries, descobertas científicas importantes, conceitos básicos de Física, problemas sociais e políticos etc. No canal 2, são vídeos mais informais, opinativos e que responde dúvidas que surgem nos comentários do canal principal.

POR BEATRIZ ROSSI

MURAL ENTREVISTA: Como tudo começou? E qual foi sua inspiração para criar um canal de divulgação científica e outros assuntos pertinentes no YouTube?

Davi Simões: Começei meu canal em 2012, mas passei a ativá-lo e produzir com mais frequência em 2015. Meu principal objetivo era divulgar apenas minha área de pesquisa em física teórica, porém comecei a me interessar por outros assuntos que se relacionam com a ciência e percebi a importância de divulgar a ciência de uma forma mais ampla.

Por que é importante divulgar a ciência e levar informações científicas ao público?
É necessário que as pessoas conheçam a importância da ciência, entendam como ela funciona, o quanto é preciso manter as pesquisas em andamento e, com isso, gerar os devidos avanços que serão significativos para toda a sociedade. Uma sociedade que valoriza a ciência, valoriza o futuro, o meio ambiente, tem conhecimento suficiente para manter o equilíbrio e, com isso, valoriza a vida em todos os aspectos.

Quais as formas de divulgar ciência que você utiliza para conquistar acessos e seguidores?
Não basta apenas produzirmos conteúdo específico demais, atraindo apenas quem realmente se interessa pelo assunto, mas através da diversificação dos assuntos, podemos também alcançar quem não possui um conhecimento sobre o meio científico. O apoio dos assinantes dos canais e dos seguidores é muito importante e é uma forma de evitar que os conteúdos fiquem estagnados.

Em relação ao alcance que a divulgação científica possui, quais são os principais impasses que afastam ou não atraem o público?
Não há um problema visível que atraia ou não o público que se interessa pelos assuntos, até porque o interesse acaba partindo de cada um. É preciso ter muita paciência para dar continuidade ao trabalho de divulgar. É necessário também, conscientizar sobre a importância de falar de ciência, algo que deveria ser trabalhado nas pessoas desde muito cedo, pois há uma carência evidente do conhecimento científico nas pessoas.

Você acredita que a divulgação científica, graças ao avanço das mídias digitais, tem progredido?
Acredito que a divulgação científica só melhora com o passar do tempo. Pelo que observo das iniciativas de diversos youtubers divulgadores. Porém, ainda é cedo para dizer que o alcance é o esperado, pois essas iniciativas são bastante recentes e é um processo gradual que necessita de muita paciência, trabalho e apoio.

Nesse atual cenário brasileiro de desvalorização da ciência, como vocês divulgadores estão encarando os problemas consequentes disso?
A pesquisa científica é a que acaba se saindo mais prejudicada nesse cenário, e sem o avanço das pesquisas não conseguiremos produzir resultados que pesquisamos há muito tempo ou iniciar novas pesquisas. A divulgação é justamente a ferramenta que pode combater a desvalorização, disseminando e apontando os descasos com a ciência.

O que você pensa a respeito do jornalismo científico?
Penso que o imediatismo do jornalismo acaba deixando os assuntos da ciência um pouco de lado. Sobre o jornalismo científico, acredito que ainda possui um acesso muito restrito de um público que já tem interesse no meio científico. E penso que o comunicador deve sempre repensar seu papel social, prezando muito pela importância da ciência para toda a sociedade.

O que pode ser feito para instruir as pessoas sobre conteúdos pseudocientíficos que atrapalham a divulgação da ciência?
Eu sempre falo que é mais fácil espalhar desinformação do que informação. Mesmo com todas as iniciativas dos canais de divulgação, infelizmente as mentiras acabam sendo mais atraentes do que a realidade. O que podemos fazer é continuar produzindo conteúdo, utilizar todas as ferramentas disponíveis para divulgar e ter paciência, pois é um lento processo. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

CLÁUDIA MALAQUIAS

'Perigos da conexão no trânsito'

O uso do celular ao volante é frequente entre os jovens e põe os motoristas em risco

Apesar de pagar R$ 293,47 em multa e ganhar sete pontos na carteira, o uso de aparelhos móveis no trânsito é um costume muito adotado pelos brasileiros. De acordo com o Detran, cerca de 186 condutores são pegos diariamente usando celular ao volante. Este ano mais de 45 mil pessoas foram flagradas enquanto dirigiam. A instrutora de trânsito Cláudia Malaquias, da auto-escola D'Paula, em Sertãozinho, que dá aulas tanto teóricas como práticas, explica que as principais mudanças entre a geração que não possuía smartphones para essas que já têm esse atributo tecnológico são a facilidade para aprender, mas a distração em relação às aulas.

POR FÁBIO PALAVERI

Mural Entrevista: Há quanto tempo você trabalha em auto-escola?
Cláudia: Eu trabalho nesse ramo há 20 anos, e há 14 anos como instrutora credenciada pelo Detran.

Da época que você começou como instrutora, o que mudou no comportamento dos alunos com relação ao uso de tecnologias?
Com o uso da tecnologia o aluno ficou mais esperto, porém mais distraído em relação às aulas. Antes, tinha uma apostila para estudar o conteúdo. Hoje ficou mais simples para tirar habilitação, pois existe um aplicativo onde se faz um simulado de maneira fácil. Em relação ao trânsito, ficou mais complicado pela distração. Com o celular, os jovens cometem mais infrações e o código de trânsito está desenvolvendo autuações maiores.

Apesar das vantagens da tecnologia, você tem saudade dos tempos em que os alunos não usavam aparelhos celulares?
Sinto saudade da época em que o aluno vinha com interesse, para aprender realmente, pois o que era falado o aluno levava para a vida. Hoje, o aluno muitas vezes não presta atenção, ficando disperso. Muitas vezes, ele pergunta o que o professor acabou de dizer. Tenho saudade de quando o aluno vinha para aprender, buscar o conhecimento, pois o conhecimento é uma coisa que ninguém tira da gente.

Você alterou alguma coisa na sua maneira de ensinar em todos esses anos?
Alterei bastante. Hoje tenho que fazer uma verdadeira lavagem psicológica no aluno para ele entender que lá fora está sujeito a várias situações que o levam a perder não só a própria vida, mas também tirar a de desconhecidos. Hoje eu coloco vídeos de situações com celular, não só o motorista no celular, mas também a distração do pedestre ao celular que acaba colocando a vida dele em risco.

Qual a sua opinião sobre o aumento no valor da multa causada por celular no volante?
Eu acho válido. Com o aumento da infração os motoristas devem se conscientizar mais, pois infelizmente o brasileiro só muda suas atitudes quando mexem no bolso dele.

Por que você acredita que o número de acidentes aumenta a cada dia?
Eu acredito que o número de acidentes aumenta, pois o motorista infelizmente não é consciente do seu posicionamento no trânsito. Ele deve entender que está dirigindo não apenas para si, mas para os outros também. Deve parar e respeitar. O aluno passa nove dias no centro de formação de condutores e acha um verdadeiro saco, mas não entende que essas aulas contêm um aprendizado que será levado para a vida toda. O celular é um dos fatores que faz os acidentes aumentarem, pois um "bip" da mensagem é o suficiente para deixar o ser humano curioso, pegar o aparelho nas mãos, distraindo-se.

O que é necessário para prender a atenção do aluno?
Eu tento prender a atenção dos alunos de várias formas, porém quando a pessoa não está interessada é complicado. Eu mostro exemplos em vídeos, documentários, propagandas porque às vezes a experiência vivida por outro faz com que você preste mais atenção na sua vida. Crio uma interação perguntando se já viveram casos de acidentes com a família e amigos, para que o jovem tome consciência de que pode passar pelo episódio, e não apenas uma vez.

Você acredita que esses sistemas de chamadas no carro provocam desatenção?
Totalmente, os novos veículos acabam estimulando a desatenção do motorista, tanto que os alunos me perguntam bastante sobre o "viva voz" e eu afirmo que é uma infração leve dirigir desatento, porém imagine dez multas leves. O aluno tem que entender que ao tocar o aparelho celular ou o sistema de chamada do carro, de a seta e pare no acostamento para atender o telefone. A partir do momento que você tem 18 anos é sua responsabilidade e você pode ser penalmente punido.

Quais as dicas que você tem para oferecer à geração jovem que está tirando a CNH agora?
O conselho é que eles tenham consciência. Não é porque completou 18 anos que está preparado para tirar a habilitação. O aluno não dirige sozinho. Ao obter a carteira de motorista, ele está se colocando em trânsito. É sempre bom lembrar que um acidente causado por um imprudente pode acontecer com alguma pessoa próxima a ele. A primeira coisa é ter consciência e vir para o centro de formação de condutores para realmente aprender e levar as experiências que estão no Código de Trânsito Brasileiro para a vida. A habilitação é um bem adquirido que também requer muitas responsabilidades. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

RAFAEL CRUZ

'À espera de um atendimento'

O gestor assistencial dos leitos hospitalares da Santa Casa de Ribeirão Preto, Rafael Cruz, avalia os principais problemas e as soluções para melhorar o atendimento aos pacientes

Assim como ocorre nas demais cidades do país, a população ribeirãopretana enfrenta filas, longas horas de espera e não vê perspectiva de melhora. A solução seria a criação de mais vagas, segundo o gestor dos leitos hospitalares da Santa Casa de Ribeirão Preto, Rafael Cruz. A falta de leitos e de investimentos são apontados como os principais problemas da superlotação. Se os primeiros socorros e os pacientes considerados de baixa necessidade médica, como uma leve dor de cabeça, fossem atendidos de maneira satisfatória nos postos de saúde de seus bairros, os hospitais não sofreriam com a sobrecarga. Na entrevista a seguir, Rafael Cruz aponta algumas soluções para a superlotação dos hospitais.

POR GABRIEL TODARO

Mural Entrevista: Como o senhor vê as ações governamentais quanto aos hospitais e atendimento de saúde?
Rafael Cruz – Hoje, a região de Ribeirão Preto vive uma situação bem caótica no atendimento, não da estrutura em si, mas da demanda muito elevada para o município. Para suprir essas necessidades, são necessários mais hospitais e mais leitos, inclusive de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). A respeito do fluxo dos atendimentos, o governo precisaria investir nos leitos e no primeiro atendimento nos postos de saúde.

Qual a influência das políticas públicas de saúde na lotação dos hospitais?
A influência é significativa, porque o hospital não sobrevive apenas dos recursos do Sistema Único de Saúde (SUS), mas depende das movimentações políticas, municipais, estaduais e federais para obter outros recursos e dotações orçamentarias das negociações.

Quais são os principais problemas enfrentados pelos hospitais?
É a delimitação do número de leitos. Se houvesse mais leitos disponíveis, um trabalho interligado com a rede pública e também se ela fosse melhor, mais bem estruturada, com equipe, médicos, aparelhos e exames, esses pacientes solucionariam seus problemas antes de chegar aos hospitais.

Quais recursos o hospital mais precisa e o que mais falta?
O que mais falta é o recurso financeiro. O Hospital tem mão de obra, mas há limitações para contratar e ter um número ideal de colaboradores. O que mais precisa é o investimento na tecnologia e o que mais falta é o recurso financeiro para mudar toda a estrutura. Hoje, só se fala em cortar verbas. Precisa ter recursos para aumentar leitos, para investir, para pagar melhor os médicos e os funcionários.

Quais os prejuízos da falta de recursos para o atendimento ao público?
Se o paciente fosse tratado na base, nos postos de saúde, ele não chegaria ao hospital. Um exemplo claro dessa situação são os hipertensos e os diabéticos. Se ele tivesse os cuidados na rede pública, ao lado da casa dele, antes de vir ao hospital, quando chegasse aqui teria um quadro mais ameno. Isso não acontece, por isso, os atendimentos considerados "tranquilos" acabam com um custo maior. Se houvesse mais investimento no sistema público de saúde, o governo estaria, futuramente, reduzindo custos. Quando o paciente chega aqui o gasto é maior, o doente tem estadia, comida, hotelaria, o pagamento dos médicos e dos enfermeiros, os gastos com as medicações, enquanto na rede teria um acompanhamento e um tratamento com menor complexidade, antes do agravamento do quadro. Teria que melhorar a saúde básica, pois os hospitais são de média e de alta complexidade de atendimento. Não pode vir qualquer caso para cá, como um paciente que não consegue fazer um tratamento de um machucado no pé nos postos de saúde. Ele vem aqui porque não conseguiu um bom atendimento no sistema primário de saúde.

Existe hospital público que recebe mais benefícios do que o outro?
Se o contrato é de média e de alta complexidade, o Ministério da Saúde investe mais do que os de baixa complexidade. Se, também, o hospital tiver mais leitos do que o outro, ele recebe mais verba. Tudo depende do contrato do hospital com o governo.

Existe saída para o problema da superlotação?
Construir mais hospitais, investir no número de leitos, fazer as internações em domicílios, desocupando assim as vagas para novos pacientes. Assim a fila de espera de atendimento diminuirá.

Na visão da opinião pública, os hospitais públicos e os privados não possuem muita diferença. O senhor concorda ou discorda desta afirmação?
A lei nº 8.080 de 19/09/1990 a respeito do SUS diz que todos têm os direitos iguais. A instituição não faz essa diferença em relação ao tratamento e aos recursos que necessita para um particular ou público. A diferença é que, às vezes, pode existir uma acomodação da pessoa, do ambiente e a estrutura física do local. Do contrário, é tudo igual. Até mesmo o profissional, seja ele médico ou enfermeiro, tem um compromisso, uma ética e uma responsabilidade com o juramento que ele faz.

Como está hoje a situação da Santa Casa?
A Santa Casa é um hospital em evolução muito grande. São várias mudanças, títulos e certificados que conquistamos. Uma mudança que está bem visível no atendimento e na qualidade de serviço. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

João Roberto Felici

'Luta diária para fazer jornalismo'

Ser dono de jornal no interior exige muito esforço. Os políticos pressionam, os comerciantes não anunciam e a população nem sempre reconhece

Fazer jornalismo em uma cidade com pouco menos de 20 mil habitantes pode parecer fácil, mas não é. O diretor-proprietário do jornal "O Colinense", da cidade de Colina, João Roberto Felici ou Beto, sente na pele o que é fazer um jornalismo de qualidade numa cidade tão pequena. O semanário foi fundado em 1918 e, desses quase cem anos de história, está há 30 nas mãos de Beto é o único impresso da cidade. Atualmente, o conta com apenas três funcionários e vive de propaganda, assinante e publicações oficiais e sociais. Com 600 assinantes, atinge cerca de 4.200 leitores, pois cada exemplar é lido por sete pessoas, no mínimo. Assuntos policiais e de política são os que causam mais problemas, segundo o jornalista. Em entrevista, ele fala sobre as dificuldades da produção do jornal e o que espera do jornalismo interiorano.

POR GABRIELA FELICI

Mural Entrevista: Qual a maior dificuldade de fazer jornalismo em uma cidade pequena?
Beto: São várias. Desde convencer o anunciante que anunciar no jornal é importante e pode trazer resultados, até motivar o próprio leitor que não demonstra tanto interesse pelo conteúdo jornalístico local. A população de modo geral, às vezes, não dá o devido valor para o jornal local. Também sentimos dificuldade em lidar com os políticos por conta de ser uma cidade pequena, onde todo mundo se conhece, e tais políticos se veem no direito de achar que as matérias têm que satisfazê-los, sem levar em consideração o que realmente acontece.

Qual foi a publicação do jornal que causou mais problemas?
Não dá pra citar apenas uma. A cada momento tem uma publicação que causa problema. Por exemplo, matérias de cunho policial. Há algum tempo, um estudante foi abordado pela polícia, que pediu seus documentos. Ele disse que tinha que ir embora, pois estava estudando justamente para não se tornar um policial e saiu "cantando pneus". Os PMs se sentiram ofendidos e abriram um boletim de ocorrência. Nós noticiamos os fatos, porém o rapaz entrou na Justiça – na época ainda divulgávamos o nome do envolvido no boletim – e ele afirmou que ouve difamação. E, para a nossa infelicidade, ele ganhou o processo e o jornal teve que pagar uma indenização.

O senhor acha que o profissional de jornalismo que trabalha em pequenas cidades tem a mesma liberdade dos que trabalham em grandes centros?
Não, de maneira alguma. Nos grandes centros o profissional não conhece as pessoas e, se conhece, é superficialmente e não cruza com elas diariamente. E isso faz diferença. Existe uma condição mais propícia para se fazer jornalismo, pois nas pequenas cidades, a gente convive com as pessoas diariamente e essas se acham no direito de questionar as reportagens.

E quanto à população, a do interior fica a par das notícias de sua cidade?
Não como deveriam. Até pelo fato de que, nos dias de hoje, as pessoas usam as redes sociais e muitas delas absorvem primeiro o que está na rede, que não tem veracidade, não tem fonte. Às vezes optam por ler o jornal em último caso. A grande maioria, principalmente os jovens, opta pela informação das redes sociais.

O que o senhor acha que pode mudar no jornalismo regional daqui alguns anos?
O jornalismo tem sofrido mudanças constantes. E agora com as mídias digitais isso tem se acentuado. O jornalismo vai ter que se adaptar a isso, principalmente para nós, que temos um jornal semanal, vai ser necessário ter um jornal digital diário. Porque as pessoas estão sedentas de informação e elas querem notícias diárias, só que elas usam o que está sendo disponibilizado. E o que está sendo disponibilizado, muitas vezes, não tem a veracidade dos fatos, não ouve os dois lados. Então o jornal local vai precisar se adaptar a esse novo sistema.

No seu jornal, o senhor tem total liberdade de expressão ou evita falar sobre certos assuntos?
Alguns assuntos a gente tem que tomar cuidado ao falar. Estabelecemos como base os direitos e deveres e não podemos extrapolar. A partir do momento que você exagera, acaba sendo penalizado de alguma forma. Agora, liberdade a gente tem, plena liberdade. Abordamos todos os temas.

Quais autoridades da cidade mais interferem no jornal?
O contato maior que temos é com autoridades políticas. Uns não gostam, outros queriam que saísse do jeito deles, então existe essa falta de entendimento algumas vêzes.

Com quantas pessoas o senhor trabalha hoje em dia? E faltam profissionais especializados no interior?
O jornal funciona hoje apenas comigo e mais dois profissionais. Um para a área de reportagem e outro para montagem do jornal. E, sim, no interior faltam profissionais especializados. Na verdade, o jornal também não tem condição financeira para contratar um profissional para cada área porque não tem receita suficiente para isso. Então desempenhamos a função em várias áreas: política, esporte, geral, polícia, coluna social. Isso tudo é feito por duas pessoas atualmente. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

JULIANA VENDRUSCULO

'Não é frescura!'

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão atinge até 13% dos adolescentes entre 10 e 19 anos de idade, sendo um dos principais distúrbios que incapacitam os jovens

As chamadas doenças psicológicas ganharam, nos últimos tempos, espaço na mídia, dentro das escolas e nas faculdades, passando a ser um assunto de atenção redobrada. Desde pequenos, muitos jovens e adolescentes demonstram características de depressão e de distúrbios de ansiedade. Muitas vezes, esses transtornos acabam sendo confundidos com as mudanças comportamentais próprias da idade. Por isso, podem não receber o diagnóstico correto dos médicos. Os transtornos mentais mais apresentados por jovens e por adolescentes são alimentares, do humor e os psicóticos. Na entrevista a seguir, a professora do curso de Psicologia da UNAERP (Universidade de Ribeirão Preto), a psicóloga Juliana Vendruscolo, 46, formada em Psicologia pela USP de Ribeirão Preto, faz uma análise desses comportamentos e algumas recomendações para os pais.

POR GIULIA GIUNTINI

Mural Entrevista - Você considera alarmante que um em cada três adolescentes possui transtornos mentais comuns?
Juliana - Acredito que sim, porém, temos que ter cuidado com esses dados, pois deve se levar em conta se esses números aumentaram agora ou se estão sendo mais anunciados. De qualquer maneira, é muito alarmante, considerando que atrás disso tem muito sofrimento.

Quais são os distúrbios mais apresentados?
Quando diagnosticados, na maioria, estes jovens e adolescentes apresentam depressão e transtornos de ansiedade.

Quais são os principais sinais desses distúrbios mais comuns?
Perda da vontade de estudar, de trabalhar, desânimo, falta de interação com as pessoas mais próximas, porém, eles também podem apresentar o oposto disso, muita agitação e vontade de realizar tudo ao mesmo tempo.

De que forma você acredita que as tecnologias e a alta quantidade de informação afetam o comportamento desses jovens?
No senso comum, muitas pessoas levam em consideração as postagens no Facebook e acreditam que todos no Instagram estão felizes, porém, não creio que as tecnologias estejam diretamente relacionadas com os transtornos. São ferramentas do mundo contemporâneo que anunciam o problema e não contribuem com ele.

Hoje em dia, com a alta cobrança para passar num vestibular, o estado psicológico dos jovens acaba sendo muito afetado. Qual a maneira de amenizar essa situação?
Primeiro, em relação a essa questão do vestibular, o Brasil deveria realizar uma mudança enorme, considerando que as provas estão ficando cada vez mais impossíveis e isso não anda junto com o nível da nossa educação. A respeito da minha área, eu procuro colaborar e instruir sobre o curso e a profissão, fazendo um acompanhamento de todo o processo.

Qual o papel dos pais em relação aos distúrbios que esses jovens apresentam?
O papel principal dos pais é ver e perceber o que está acontecendo com o jovem. Muitas vezes, eles não percebem que não é normal não sair do quarto por uma semana. Não notam que não conversar com ninguém não é normal. Percebendo isso, os pais devem procurar ajuda de algum especialista e manter um diálogo com o adolescente.

Como você enxerga o papel da faculdade e da escola na vida dos jovens?
São ambientes fundamentais, pois é onde eles passam grande parte do dia e da vida. No entanto, a faculdade e a escola possuem papel auxiliar com os pais e não uma responsabilidade total sobre o desenvolvimento desses adolescentes e jovens. Não podemos deixar de lado, por exemplo, um aluno que está visivelmente deprimido ou que está com algum transtorno de ansiedade. Eu não posso, simplesmente, ver e não fazer nada. Logo, a faculdade e a escola devem realizar um acompanhamento de seus alunos, desde que não invada sua privacidade.

Quais dicas você sugere para o próprio jovem superar esses transtornos mentais?
Buscar ajuda das pessoas mais próximas para falar do que está acontecendo e sentindo. Entender que é um problema como outro de saúde qualquer, que precisa de cuidado e de atenção. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

MAICON NICOLINO

'Escola digital ainda é ilusão'

As tecnologias começam a se integrar às aulas para promover conhecimento e despertar interesse, mas faltam estrutura e capacitação dos educadores, principalmente no ensino público

O mundo da tecnologia rodeia nossas vidas. Cursos a distância se tornam cada vez mais comuns e as leituras por dispositivos móveis estão ganhando adeptos. O ensino dos jovens e adolescentes aos poucos vai integrando, na prática, os smartphones e tablets e até mesmo a legislação vem se alterando para incorporar essas novidades. Em outubro deste ano foi sancionada uma lei estadual que permite o uso de celulares para alunos do ensino fundamental e médio em atividades pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula. Coordenadores de ensino, professores e até mesmo os pais estão se adaptando a essas metodologias inovadoras. O cientista social formado pela Unesp, e professor de Sociologia no ensino médio, Maicon Nicolino, explica como caminham essas mudanças e quais os desafios enfrentados na área educacional para incorporar hábitos dos jovens e estimular o aprendizado.

POR GUILHERME PITTA

Mural Entrevista: Qual sua opinião sobre a nova lei que regulamenta o uso de celular nas atividades pedagógicas?
Nicolino: Muitas das leis votadas no País são bem distantes da sua aplicação no cotidiano. Aqui tem lei que não funciona. A escola é uma comunidade complexa e os legisladores insistem em desconhecê-la. Isso quer dizer que a lei só faria sentido dentro do contexto e da realidade dessa comunidade na prática e na interação dos atores.

O que é mais viável: proibir o uso da tecnologia ou integrá-la?
Integrá-la de maneira pedagógica é a forma correta. Utilizar o celular como plataforma de leitura de textos, gráficos, pinturas... Construir trabalhos em grupos e até desenvolver aplicativos.

A cultura digital começa a impor mudanças no sistema de educação. Quais as novas formas de conhecimento pela tecnologia digital?
Como faz parte da vida de todos, é evidente que teríamos mudanças. É impressionante como surgem cursos na modalidade a distância. Hoje, as possibilidades e a facilidade de acesso à informação, compartilhamento e produção de conteúdo em rede geram conhecimento. E fazem parte do processo de aprendizado.

Quais são os métodos que as escolas usam para se adequar nesse universo virtual?
Nas escolas públicas é disponível apenas como ferramenta de pesquisa no laboratório de informática. Muitos professores usam blogs ou outras plataformas on-line para se comunicar com os estudantes indicando textos, sites e promovendo debates incentivando a interação. No ensino privado, depende do método da escola. Mas o investimento e o uso são mais frequentes.

Uma aula com aplicativo educacional, pode fazer o aluno se interessar mais ou a interatividade pode tirar o foco?
Torna um caso muito específico. Depende do contexto, do perfil e trajetória do aluno. O professor passa a ser também um mediador, demonstrando o uso correto do aplicativo.

Com a possibilidade de um material no celular ou tablet, isso otimiza o tempo em aula?
Pode ocorrer uma economia de tempo e ajudar no aproveitamento. Deve haver um cuidado para que esse material não seja perdido. Mas é bom que seja dosado, pois o lápis no papel é importante.

Como caminha a formação dos docentes sobre o uso dessas tecnologias com foco pedagógico?
Existe a EFAP, que é a escola de formação de professores da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Trata-se de uma plataforma virtual com muitos cursos, desde a educação inclusiva até análise de avaliações. Também há orientações para utilizar a plataforma geekie, para auxiliar nos estudos dirigidos. Mas na prática, infelizmente, não funciona. Faltam profissionais, planejamento coletivo, pessoas especializadas, criação de uma nova cultura digital e principalmente estrutura. Hoje, na nossa escola temos 16 computadores para aproximadamente dois mil alunos.

As escolas públicas possuem condições físicas e financeiras para implantar sistemas de informação e pesquisa suficiente?
Sim, o corpo docente é repleto de profissionais familiarizados com pesquisa acadêmica, no entanto o Estado não demonstra interesse em financiar.

Os livros didáticos poderão ser extintos ou considerados antiquados?
Não acredito no fim dos livros didáticos. Eles possuem utilidade devido à praticidade, estimula a concentração, não cansa os olhos quando comparado com aparelhos eletrônicos, diminui os imprevistos para uma aula, o professor consegue controlar melhor a dinâmica da aula e não precisa de energia.

O uso da tecnologia como forma de conhecimento pode diminuir as diferenças entre ensino público e privado?
A tecnologia não trará a diminuição das desigualdades. Essa diferença deve ser pensada como algo estrutural. Tendo a concordar com Pierre Bourdieu (sociólogo francês que foi atuante no campo da educação) que diz que a escola é instrumento de legitimação das desigualdades sociais. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

EDUARDO NOGUEIRA

'Arbitragem de vídeo no futebol'

O inovador método na arbitragem nacional pode melhorar definitivamente o futebol brasileiro. O uso da tecnologia pode eliminar as grandes injustiças nos resultados dos jogos

O futebol brasileiro está a algum tempo passando por um momento de turbulência em relação à arbitragem com muitos erros que estão sendo cruciais no resultado de diversas partidas. Uma das prováveis soluções para a resolução desse problema é a implantação da arbitragem de vídeo no futebol para que em lances como gols impedidos, aplicação de cartões e impedimentos, o árbitro da partida possa ser ajudado pela tecnologia. O professor de História e comentarista esportivo a mais de 20 anos Eduardo Nogueira falará a respeito sobre esse polêmico assunto.

POR JOSÉ EDUARDO BAZZO

Mural Entrevista: A arbitragem de vídeo é um método interessante para se implantar no futebol brasileiro?
Eduardo Nogueira: Ainda não. Essa tecnologia só deve ser implantada quando for possível que ela esteja presente nas quatro divisões do futebol brasileiro, pois fica extremamente complicado você beneficiar apenas alguns clubes com essa tecnologia e deixar divisões inferiores com os mesmos problemas e dificuldades. Com a melhora na estrutura dos estádios e também com um aporte financeiro por parte de quem rege o futebol no Brasil, com toda certeza é algo muito interessante para ser implantado.

Quais seriam as consequências da arbitragem de vídeo?
Resolução de alguns lances específicos. Podemos notar o clássico entre Corinthians x Palmeiras que ocorreu no dia 5 de novembro e observar que o resultado poderia ser extremamente diferente se tivéssemos a implantação dessa tecnologia.

Os árbitros brasileiros estão preparados para trabalhar com uma tecnologia como essas ou seriam necessários alguns anos de treinamento?
O treinamento será necessário para acostumá-los com a tecnologia aplicada. Já que a arbitragem é tão fraca, obviamente para contar com uma tecnologia como essa, precisaria de um grande processo de treinamento e adaptação.

Com esse novo método, o futebol poderia perder um pouco da sua essência?
Não acredito. O futebol melhoraria a sua qualidade, e assim, progredir a parte tática e técnica, além de ser mais limpo, com menos erros de arbitragem. A essência do futebol é de muitos anos e esse novo método só engrandeceria o espetáculo dentro de campo e traria muitos benefícios em relação às regras de arbitragem.

A profissionalização dos árbitros não seria uma saída mais barata e mais simples para a melhora da arbitragem brasileira?
A profissionalização dos árbitros é necessária para o futebol regularizar sua última esfera não profissional. Pelo tamanho da responsabilidade que têm, os mesmos merecem a profissionalização, pois são os únicos dentro de campo que ainda não são profissionais no futebol brasileiro.

O gasto com essa tecnologia poderia ser revertido para implementar cursos de arbitragem e uma melhor preparação para os árbitros?
Muito difícil, pois são duas propostas extremamente diferentes e provavelmente envolvam pessoas que apresentam pensamentos distintos, o que dificultaria essa atividade. Os cursos seriam de enorme importância em um futebol tão profissional como nos dias de hoje, e ajudariam na melhora da arbitragem até mesmo com a implantação do árbitro de vídeo.

Com tantos erros de arbitragem, porque essa proposta não surgiu antes para ser implementada no futebol brasileiro?
Devemos lembrar que nem tudo será resolvido com a aplicação da tecnologia. Talvez não tenha sido pensada e implementada antes pela quantidade pequena de erros nos últimos anos.

A implantação desse novo método poderia diminuir as influências extracampo nas partidas de futebol?
Não. Pelo contrário. Seria a intervenção total do extracampo, porém, dessa vez, de uma forma que auxilie e que ajude a partida dentro do campo. Por um lado negativo, isso poderia aumentar o suborno e também a manipulação no esporte, por isso, deve ser implantada de uma forma séria e correta no futebol brasileiro.

Por que as regras do futebol incentivam tanto a subjetividade do juiz?
Pois foram feitas em outra época e não foram devidamente atualizadas. As regras do futebol devem ser atualizadas devidamente para que essa subjetividade seja parcialmente extinta do futebol. Assim, até sem a arbitragem de vídeo a melhora dos árbitros será nítida dentro do campo de jogo. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

DÁRIO TEÓFILO

'A morte solitária'

O silêncio da mídia transmite a impressão de que ele não possui importância ou simplesmente não acontece, porém, é ele o responsável por uma morte a cada quarenta segundos no mundo

O suicídio é considerado pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública, sério que atinge mais de 800 mil pessoas todos os anos no mundo. Cada suicídio afeta de 6 a 10 outras pessoas, que sofrem consequências difíceis de serem reparadas. Este é o assunto abordado na série 13 Reasons Why, da Netflix, mundialmente veiculada. O público-alvo são jovens e adolescentes com idade entre 15 a 29 anos, faixa etária que possui o suicídio como a segunda principal causa de morte. Dario Teófilo é um psicólogo social formado pela Universidade de São Paulo, que desde o início da formação já atuava na Articulação Política do Grupo de ONGs Aids de Ribeirão Preto. Durante sua participação no Programa DST/Aids e Estratégia de Saúde da Família, encontrou pessoas que viam no suicídio a solução para o resultado positivo para HIV e, a partir daí, aprofundou os estudos no assunto. Hoje, trabalha como assessor, zela pelas políticas públicas e seus impactos coletivos.

POR JOSÉ INÁCIO PIUTTI

Mural Entrevista: Segundo a OMS, a cada 40 segundos um suicídio acontece no mundo. Sendo este um fato tão presente no cotidiano, por que é algo tão pouco divulgado pela mídia?
Dario Teófilo: Alguns jornalistas afirmam que existe um pacto silencioso para não cobrirem suicídios. Essa questão pode estar relacionada ao respeito à família, ou porque um ato suicida divulgado na mídia pode levar a outros, como ocorreu com o livro Sofrimento do Jovem Werther, que despertou uma onda de mortes.

Qual seria a justificativa para o suicídio ser a segunda principal causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos?
Precisamos ter um olhar para as condições de vida e como elas impactam as subjetividades. Por exemplo, a questão do suicídio no Japão é muito comum na idade pré-vestibular. Se a pessoa não consegue passar, ela se mata, porque seria considerada fracassada e não consegue lidar com isso. Pode se afirmar que existe uma vulnerabilidade emocional do ponto de vista das condições de vida. Há também uma certa pressão da mídia, as pessoas precisam ser bem-sucedidas. A influência das redes sociais mostra que todo mundo está sempre bem, e essas pequenas coisas vão criando frustrações cada vez mais inaceitáveis. Isso gera uma autorrejeição, uma raiva contra si mesmo. Como psicólogo social, consigo afirmar que a forma em que nossa sociedade está desenhada faz com que os desafios sejam menos físicos. Vencemos cada vez mais essas dificuldades e hoje temos desafios psicoemocionais, como lidar com as frustrações.

Neste ano, o jogo Baleia Azul foi difundido pela internet. O que leva os jovens, adolescentes, a ter tanto interesse nesse jogo?
A gente possui a necessidade de se sentir pertencente. As pessoas até usam isso para começar conversas, quando querem conhecer alguém. Perguntam qual o signo. "Você pertence a qual categoria de um grupo que todo mundo faz parte?" Principalmente para o adolescente, que está em um momento de crise e vulnerabilidade psicológica, a busca pelo pertencimento é muito importante. Se aparecer algo do tipo "olha, existe um grupo que é difícil de entrar!", igual o LDRV (sigla para Lana Del Rey VEVO, maior grupo secreto brasileiro no facebook). Você tem que ser convidado por alguém e tem um monte de regras. É um bom paralelo para a Baleia Azul. Um grupo difícil de entrar que possui regras: são essas estratégias de marketing que atraem os jovens em busca desse pertencimento.

Como identificar os comportamentos de alguém que possui o suicídio como uma certeza?
A melhor forma de prevenção não é sair caçando sinais nas pessoas. Se a pessoa fica triste três dias, pisca três vezes, pula num pé só, corre! Porque no terceiro dia ela se mata! A melhor maneira de prevenção é mudar a forma como a gente vive. É ter uma abertura para lidar com as situações, olhar para cada pessoa que a gente se relaciona. Elas podem estar em um estado de vulnerabilidade psicológica, só que se a gente não se atenta a isso. Essa é a melhor maneira de identificação.

Existem serviços públicos de prevenção e pósvenção?
Existe o Disk 141, um serviço de prevenção feito pela ONG mais organizada do país. Qualquer serviço público deve atuar na prevenção ao suicídio sem ser uma prevenção propriamente dita. A saída é o encontro, o cuidado com outro e uma escuta qualificada. Se as pessoas têm isso, elas já estão se prevenindo.

Setembro se tornou o mês mundial de combate ao suicídio. Como podemos, individualmente, combatê-lo em nosso dia a dia?
A gente não trabalha com conceitos negativos, nunca combate o suicídio. Trabalhamos pela vida, porque o foco da vida não é o suicídio. Setembro amarelo é para sensibilizar as pessoas sobre a escuta e o olhar para os outros. Você realmente conhece as pessoas com quem você convive, as pessoas que estudam com você? O setembro amarelo é isso, parar e cuidar das relações com os outros, ter o contato sensível e se identificar alguém que está realmente precisando de ajuda. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

MARCELO BORDON

'A importância da boa alimentação'

Segundo o ex-jogador de futebol profissional e empresário Marcelo Bordon os brasileiros comem sem disciplina e sem pensar, vivem para comer, enquanto os alemães comem para viver

A Pesquisa Nacional de Saúde, divulgada pelo Ministério da Saúde, mostra que os brasileiros querem ter uma vida mais saudável. Porém, ainda hoje cerca de 80% das pessoas não possuem uma alimentação regrada. Os profissionais da área da saúde afirmam que fazer pequenas mudanças na rotina diária é o caminho para melhorar a alimentação e principalmente a qualidade de vida. Ressaltam ainda que, os maus hábitos alimentares também podem causar problemas de saúde, tais como doenças do coração, pressão alta, diabetes e obesidade. Na entrevista a seguir, Bordon, ex zagueiro do Botafogo, do São Paulo e do Al Rayyan, dá algumas dicas sobre uma alimentação saudável.

POR JÚLIA MAULIM

Mural Entrevista -Qual sua visão geral sobre as famílias que resolvem adotar um novo estilo de vida?
Bordon – Infelizmente, a cultura no Brasil é um pouco complicada com relação à alimentação. Eu morei muito tempo na Alemanha e lá isso é muito importante. Eles se preocupam com o que comer. Eu utilizo muito uma frase que diz: "a gente come sem pensar, de uma maneira sem disciplina, sem nem ver o que estamos ingerindo. Os brasileiros vivem para comer, enquanto os alemães comem para viver."

Conte-nos um pouco sobre o estilo de vida adotado por sua família, como é a alimentação em sua casa?
Pelo histórico de atletas da família, na minha casa temos uma alimentação não muito restrita, mas sempre cuidando do equilíbrio, do balanço. Quando precisa se alimentar um pouco mais, a gente coloca uma quantidade maior e quando vemos que está em excesso, tiramos um tanto. Comemos pouco, só que com mais qualidade. Já no final de semana, fazemos o dia do lixo para dar uma distraída no estômago.

O que é uma alimentação balanceada?
Alimentação balanceada é saber o que está comendo, não simplesmente colocar no prato aquilo que se encontra ou que você deseja. É preciso levar em conta as calorias do que está ingerindo, se aquilo possui farinha branca, muito carboidrato, se está comendo o tanto de proteínas adequadas para o corpo, entre outros alimentos. É saber a qualidade e a quantidade dos alimentos. O atleta precisa de muita proteína e carboidrato. Temos que colocar no corpo aquilo que ele necessita. Devemos nos alimentar e cuidar, principalmente, da hidratação. Hoje em dia, existem muitos nutricionistas e endocrinologistas capazes de elaborar tabelas alimentícias para ajudar cada pessoa a se desenvolver bem nas atividades e nos esportes.

No caso especifico da musculação, você acha necessário fazer algo além da alimentação para obter um melhor resultado corporal?
Na parte da musculação, inclusive hoje trabalho nessa área, temos também que nos alimentar de maneira adequada para atingir osnossos objetivos. Estabelecer se desejamos ganhar peso ou massa, se queremos "cerrar/ trincar", diminuir ou aumentar a massa magra. A alimentação é essencial. Se não tivermos essa consciência corporal, essa responsabilidade diária com aalimentação, dificilmente alcançaremos um bom resultado. Precisamos ver qual é o objetivo final que queremos atingir e a partir daí descobrir a alimentação adequada, sempre lembrando que "você é o que come".

Como saber o momento correto de modificar um treino ou pegar "mais pesado"?
Creio que cada um tem seu momento. Por isso, na minha academia, tenho profissionais especializados para atender cada um dos clientes, especificamente. Todos os clientes recebem tratamento personalizado, pois, muitas vezes, você está treinando e sozinho não consegue aumentar/ diminuir, esticar um pouquinho mais ou deixar de forçar. Tenho 30 anos no esporte e não consigo fazer isso sozinho até hoje.Estou sempre com um profissional do meu lado. Tem hora que acho que estou cansado e ele força um pouquinho. Tem hora que acho que vou me sobressair e ele manda parar. Ter um acompanhamento, um coordenador, torna os exercícios mais fáceis, mesmo porque eles trabalham em cima de dados/estudos e tempo.

Conte um pouco sobre como foi a sua carreira e quais foram os maiores desafios em relação à "vida fitness"?
Como jogador, brasileiro e criança, meu sonho era jogar bola e eu já sabia o que eu queria desde o começo. Aos dez anos, cheguei ao Botafogo, mas desde os cinco já disputava campeonatos na cidade. Esse sempre foi meu objetivo. Busquei inspiração em outros jogadores, enquanto minha família, (mesmo sem condições), dava respaldo. Percebi que esse sonho ia aumentando cada vez mais, até uma hora que não tinha mais como voltar. Dediquei 100%, sempre lutando, ou melhor, abrindo mão de algumas fases da infância, perdendo alguns amigos por conta dessa dedicação ao futebol/ espor te. Muitas vezes, eu faltava a aniversários que terminavam tarde, deixava de brincar com meus amigos na rua à noite. No outro dia, tinha treino pela manhã. Todas as minhas atitudes foram precoces, mas deu certo e com a graça de Deus, com o Senhor me capacitando, consegui conquistar tudo que eu sempre quis. Quando o ser humano encara um objetivo 100% focado, ele consegue chegar. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

LUCELLI KELLY DE OLIVEIRA

'O cigarro ainda atrai os jovens'

Especialista explica que apesar das informações e campanhas, os jovens ainda usam o cigarro para se sentir pertencentes ao seu grupo de amigos e colegas

A Pesquisa Especial de Tabagismo (PETab), realizada pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), mostra que na região sudeste existem cerca de 11.3% de jovens fumantes, com idade entre 15 e 24 anos. O cigarro é responsável por 30% das mortes ocasionadas por câncer e é considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) uma das principais causas de mortalidade prematura por doenças crônicas não transmissíveis no mundo. Lucelli Kelly de Oliveira Cardoso, mestre em Enfermagem Psiquiátrica, doutoranda em Ciência pela Escola de Enfermagem da USP Ribeirão Preto, possui especialização em Terapia Comportamental e Cognitiva pelo Psicolog. A professora do curso de Psicologia da Unaerp explica que o uso do cigarro pode estar relacionado a algum tipo de ansiedade.

POR JV PITOL

MURAL ENTREVISTA: O que leva os jovens a fumar?
LUCELI: Recorrer ao cigarro pode ser uma tentativa de relaxar, pode trazer um alívio momentâneo de alguma ansiedade relacionada ao estresse. Pode ser também um baixo autocontrole ou até mesmo impulsividade. Talvez a pressão social e a interação em um determinado grupo possa ser facilitada quando o indivíduo está participando de algo que os outros também fazem.

A necessidade de pertencimento, então, pode contribuir?
Sim, os modelos são muito relevantes e espelhar-se em pessoas que têm idades parecidas é importante para o jovem.

E o estresse na faculdade, além de outras formas de estresse, de que maneira contribuem para o tabagismo?
No início do curso, nas primeiras etapas da vida acadêmica, é comum que eles vejam a universidade, e todas aquelas coisas para fazer, como uma grande exigência, e isso pode predispor a um estresse. O jovem vem do ensino médio, um estilo diferente, e na faculdade ele tem que se virar cada vez mais. Eu fui psicóloga do Serviço de Apoio Psicológico e Psicopedagógico ao Estudante (SeAPP) da Unaerp e os alunos das primeiras etapas sentiam muito essa exigência da universidade, o que pode levá-lo a uma tentativa de relaxar utilizando o cigarro.

A PETab mostra que o número de mulheres que começa a fumar antes dos 15 anos é 22% maior que os homens na mesma idade. Por que isto ocorre?
As mulheres têm mais problemas emocionais na adolescência e quando entram neste período se deparam com algumas questões desfavoráveis, muito mais que os homens. Para os meninos é supervalorizado engrossar a voz, crescer. Já para as mulheres, quando o corpo muda elas engordam, menstruam e na nossa cultura isso não é valorizado. Assim, as adolescentes tendem a sofrer mais problemas emocionais, como ansiedade e depressão.

Segundo o Instituto Nacional de Câncer, os homens fumam duas vezes e meia mais que as mulheres. Por que?
Porque eles se preocupam menos com a saúde e se envolvem em mais situações de risco do que as mulheres, como consumir bebidas alcoólicas e dirigir. O cigarro faz parte deste comportamento.

Por que os jovens estão mais suscetíveis a largarem o cigarro do que os adultos?
Porque eles estudam, têm mais acesso a informações, além de estarem expostos há menos tempo à nicotina.

As campanhas antitabagistas são eficazes?
As campanhas sempre ajudam e quanto mais cedo começarmos a falar sobre os riscos relacionados ao cigarro, mais ainda cairia o número de adolescentes que fumam.

Como os pais podem agir?
Quando um jovem decide parar de fumar, os pais devem apoiar. O período de abstinência é bem intenso e é sempre bom procurar ajuda médica ou psicológica para aumentar o autocontrole. Se ele for a um bar e encontrar os amigos que fumam, a luta contra o cigarro vai ser muito difícil, então, ele não deveria frequentar aquele bar, e, por um período não é recomendado que ele se encontre com aqueles amigos que fumam.

Como o psicólogo pode ajudar?
O psicólogo vai ajudá-lo na criação de estratégias para evitar o cigarro. Ele ajudará o jovem a descobrir quais situações funcionam como um estímulo discriminativo para ele querer um cigarro e, com isso, o profissional vai ajudá-lo a não se expor a essas situações. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

EZAQUEL MARTINS

'Tecnologia do bem'

Além de trazer entretenimento, notícias e rapidez, agora é a vez de a tecnologia ajudar a saúde das pessoas

Cada dia que passa algo novo é criado, principalmente na área da saúde. Já fez alguma consulta e viu um aparelho diferente? A maioria dos consultórios médicos e hospitais já está aderindo a essa mudança tecnológica. Esses equipamentos servem para ajudar no tratamento mais eficaz dos pacientes. Em Ribeirão Preto, o empresário Ezaquel Martins Rosa possui uma empresa que produz aparelhos hospitalares e aplica tecnologias que auxiliam os médicos, enfermeiros e demais profissionais de saúde a tratar seus pacientes.

POR LETÍCIA BOTELHO

Mural Entrevista: Quais são os benefícios da tecnologia para a saúde?
Ezaquel Rosa: Os equipamentos tecnológicos são seguros e dão para o usuário do aparelho o resultado que é preciso no tratamento, podendo se curar mais rapidamente.

Quais os principais aparelhos médicos vendidos?
O foco cirúrgico, que proporciona iluminação para a realização de cirurgias; o detector fetal que detecta os batimentos cardíacos do feto; a mesa ginecológica para exames ginecológicos; o colposcópio para exames ginecológicos e proctológicos; e agora o fleboscópio que permite visualizar as varizes.

A sua empresa inova no desenvolvimento de equipamentos de saúde. No que o senhor se inspira para ter as ideias?
Geralmente fico olhando o profissional da saúde trabalhando, vejo a necessidade dele e começo a criar algum auxílio.

Como esses equipamentos auxiliam tanto médicos como pacientes?
A minha empresa, por exemplo, cria os equipamentos para ajudar os profissionais de saúde a realizarem suas consultas, e com isso facilitando a cura dos pacientes.

Após ter as ideias, qual é o processo de criação dos aparelhos?
Faço uma pesquisa de mercado, verifico se já existe algum tipo de aparelho semelhante. Se não tiver já começo a elaborar uma estratégia para entrar no mercado, analisando preço, praça e estudando a concorrência se houver.

Todos os hospitais podem ter os aparelhos ou o valor é muito alto?
Existem dois tipos de aparelhos, o para órgão público e para privado. Estes são mais caros e possuem alguns recursos a mais, porém todos os hospitais podem ter equipamentos que auxiliam no tratamento médico.

O senhor participa de vários congressos e palestras. Qual é a descoberta mais recente para auxiliar a saúde?
Descobrimos o fleboscópio, que é utilizado para visualizar perfeitamente os vasos sanguíneos sob a pele, até mesmo as varizes mais profundas.

Existe algum aparelho que pode ser utilizado em casa?
Sim, o detector fetal. Ele é um aparelho portátil que serve para detectar os batimentos cardíacos e o fluxo sanguíneo do feto. Além disso, com ele é possível encontrar a localização da placenta a partir da décima semana de gestação.

O senhor exporta os equipamentos para outro país ou vende somente no Brasil?
Exporto para toda a América Latina e América Central.

Comparando com os outros países, a tecnologia para a saúde tem grande avanço no Brasil?
Podemos dizer que estamos bem próximos dos outros países no quesito tecnológico. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

FERNANDA ZUCARELLI

'Mães (literalmente) experientes'

Fernanda Zucarelli fala sobre as vantagens e desvantagens de ser mãe mais velha e o porquê dessa realidade estar cada vez mais presente no mundo atual

A maternidade depois dos 35, 40 anos já não é mais uma 'tendência futura'. É o presente. A mulher de hoje é diferente e sua vida profissional vem antes da vida familiar. Isso não quer dizer que elas não queiram ter uma família ou filhos. Mas, esse plano fica para mais tarde, já que o projeto profissional tornou-se prioridade. Além disso, o fator econômico determina essa tendência, pois as 'novas mulheres' querem uma vida financeira estável para que seus filhos tenham melhores condições. Assim, estudos no mundo todo vêm quebrando o tabu de que ser mãe mais 'velha' é algo ruim, quando a ciência prova o contrário. Fernanda Zucarelli tem 39 anos e é mãe de uma menina, Cecília, com quatro meses. É professora de Língua Portuguesa formada pela Unesp de Araraquara e atualmente dá aulas para o Ensino Médio em uma escola de Ribeirão Preto.

POR LETÍCIA PANE

Mural Entrevista: A senhora planejou ser mãe mais tarde? Por que?
Fernanda Zucarelli: Na verdade não houve um planejamento real porque eu fui trabalhando e sempre falava que dentro das minhas escolhas profissionais parecia não haver espaço para uma criança, além de sempre pensar que se eu tivesse um filho gostaria de cuidar; não deixaria para os outros cuidarem. Então isso adiou a maternidade.

Quais são as vantagens e desvantagens da maternidade tardia?
A maternidade é uma oportunidade de autoconhecimento e quando se é 'mãe' muito jovem, não se aproveita tudo que acontece. Outra vantagem é que tenho condições de buscar recursos para educar melhor a minha filha. Sinto que tanto eu quanto o Maurício (marido) conseguimos dar a ela o suporte necessário. Agora, a principal desvantagem é a questão física mesmo. O corpo 'grita' e eu sinto dor em todos os músculos, com os 6,3 kg que ela está pesando (risos). Acredito que se fosse mais jovem tiraria isso de letra.

Houve alguma mudança psicológica com a senhora quando engravidou?
Houve muitas. Desde o corpo se adaptar até processos bem intensos, como minha relação com minha mãe. Eu e o Maurício, depois de tudo isso, estamos decididos a fazer um trabalho de conscientização para as meninas que engravidam muito cedo. É devastador para o universo psicológico de uma adolescente mãe, pois ela não tem maturidade para lidar com tanta mudança.

Como a senhora pretende acompanhar o crescimento da sua filha?
Acho que estou conseguindo não ser uma mãe possessiva, porque grande parte desse 'sufocamento' que algumas mães têm, na verdade é a carência que a mãe projeta no filho. Eu quero que ela sinta um porto seguro em mim, quero ser presente na vida dela mas não, necessariamente, de maneira física.

A maternidade tardia é algo recente na história porque as mulheres estão mais presentes no mercado de trabalho e a economia precisa muito delas. Qual a sua análise em relação a isso?
O motivo de eu não ter sido mãe mais cedo é porque o mercado de trabalho cobra muito da gente. Conforme você assume responsabilidades e tem cargos que são mais importantes, fica difícil se ausentar, pois o trabalho exige isso e porque você, enquanto profissional, também exige de si mesma.

A senhora acha que esse evento tem alguma relação com o feminismo?
Não, eu acho que está relacionado com o contexto social geral. As pessoas estão escolhendo se casar mais tarde, investir mais nas carreiras e como consequência a maternidade vem mais tarde.

Para a criança, a senhora acha que há algum prejuízo em ter uma mãe mais velha?
Não sei, eu vou ter que experimentar (risos). Hoje, pela minha maturidade, há benefícios. Na vida tudo tem um lado bom e um lado ruim, então eu vou ter que viver para saber.

A senhora teve algum cuidado especial durante a gravidez por conta da idade?
Não, porque eu sempre fui cuidadosa. Eu sempre pratiquei esportes, me alimentei bem, então durante a gravidez continuei fazendo o que já fazia - ioga, caminhada, hidroginástica.

Sua família te cobrava sobre a maternidade?
Muito! Minha mãe, desde sempre perguntava, falava que queria um neto e chegou, inclusive, a falar: 'faz que eu cuido'. E tanto eu quanto meu irmão e minha irmã não fizemos o neto na época e agora ela reclama porque diz não ter mais energia para curtir a neta.

Qual seu conselho para as mulheres que desejam ser mãe mais velhas e que sofrem com a pressão social/familiar?
Nada na vida que é forçado, é bom. Tem que ser uma escolha pessoal. Um processo o mais natural possível, porque maternidade não é algo fácil. A pessoa tem que ter muita energia e lidar com a situação do 'isolamento', porque você se afasta do seu grupo e muitas pessoas se afastam de você. Fazer essa escolha por pressão social é lamentável. Eu percebo que algumas pessoas têm filhos porque 'têm que ter filhos' e faz parte desse pacote até mesmo contratar vários ajudantes, numa espécie de transferência da maternidade. Como professora eu convivo com muitos alunos que são 'órfãos de pais vivos'. Então eu penso que se há uma decisão de ter um filho que seja uma decisão honesta consigo mesmo e com o filho. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

MARCELLA LAGUNA

'O espelho do Aquífero'

A seca da Lagoa do Saibro significa apenas a "ponta do iceberg" dos desafios da preservação do Aquífero Guarani, uma valiosa reserva de água potável

A Lagoa do Saibro faz parte da área de recarga do aquífero Guarani junto com grande parte da zona Leste de Ribeirão Preto. Tem apresentado um acelerado rebaixamento no nível da água nos últimos anos, preocupando a população e moradores da região que organizaram o projeto Mutirão da Lagoa do Saibro que desenvolve ações a favor da preservação do local.
A entrevistada Marcella Laguna Fazan, formada em Ciências Biológicas e estudante de especialização em Educação Ambiental e Bacias Hidrográficas, explica as ações do projeto, o envolvimento da população na proteção e as consequências da exploração imobiliária no local.

POR LÍVIA BENEVIDES

Mural Entrevista: Qual a importância da Lagoa do Saibro para a preservação do Aquífero Guarani?
Marcella Laguna: A Lagoa do Saibro é um afloramento do Aquífero Guarani, portanto um espelho dele. Tanto a Lagoa quanto a Zona Leste são áreas de recarga, que permitem a infiltração da água da chuva no solo para recarregar o Aquífero. Quando a água da chuva cai no solo em Ribeirão Preto, ela não consegue penetrar na rocha, apenas nas áreas onde existe alguma "fratura" ou alguma região do arenito exposta, caso da Lagoa e da zona leste.

Como funciona o projeto "Mutirão da Lagoa do Saibro" e quais são as ações que o grupo realiza?
O Projeto reúne um coletivo de pessoas envolvidas na preservação. Neste grupo, realizamos atividades como o plantio de mudas e a retirada do lixo. Também participamos de audiências públicas sobre o plano diretor para que a lei municipal proteja o aquífero, instalamos lixeiras e placas de conscientização, promovemos ações com grupos de escoteiros e alunos de escolas municipais, buscamos apoio dos empresários do entorno da lagoa para ajudar no cuidado e na irrigação das mudas, instalamos corrimãos, decks e bancos, realizamos oficinas e workshops sobre o meio ambiente. Também promovemos encontros para organizar as ações do mutirão e a defesa da área em redes sociais, na televisão, na Prefeitura de Ribeirão Preto e na Câmara de Vereadores.

Qual a importância da participação popular na preservação do meio ambiente?
Precisamos de uma educação ambiental, da conscientização da população, porque isso não existe dentro das escolas. Nossa política não tem interesse que a educação tenha essa visão crítica e ambiental. Quando o cidadão sabe criticar e proteger o ambiente em que vive, não permite que aconteça o que vemos em vários lugares.

Como a exploração imobiliária ameaça o aquífero?
A maior ameaça da exploração imobiliária está ligada à impermeabilização do solo que impede que a água recarregue o aquífero. Se não há recarga do aqüífero, ele vai secando cada vez mais. Há também o desmatamento gerado pela construção de condomínios e a canalização que conduz a água pluvial direto ao esgoto, impedindo que ela chegue à área de recarga.

Quais os impactos que o esvaziamento da lagoa causa ao aquífero?
O esvaziamento está totalmente ligado ao aquífero. Como a reserva está esvaziando, a gente imagina que o aquífero também está com o nível de água muito diminuído. A lagoa é um espelho do aquífero. Nela existe um ecossistema, de peixes, de insetos e de aves que são atingidos quando ele está em desequilíbrio.

Você tem conhecimento de ações tomadas por órgãos públicos para proteger a região?
Eu não tenho conhecimento de nenhuma ação. Sei que a Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) fez uma análise recentemente, e inclusive constatou que a água está poluída com metais provenientes de materiais eletrônicos. Outros estudos constataram a presença de agrotóxicos e essa poluição pode chegar ao aquífero.

Que leis podem garantir a proteção do aquífero e da área de recarga?
Não existe nenhuma lei que proteja o aquífero e sua área de recarga. A população junto com ONGs, como a Pau-Brasil, tem lutado para colocar de volta o artigo 23 no plano diretor do município que garantiria proteção à Lagoa do Saibro e à zona leste. O que está valendo é o plano de 2010 que cita a zona leste, mas não a protege. Os vereadores têm a oportunidade de votar emendas no plano diretor para que seja aprovada a proteção total da área, pois a legislação atual não especifica nada sobre impedir a construção, a pavimentação e a impermeabilização do solo. Atualmente, existem também o plano de uso e ocupação do solo e o Código de Meio Ambiente, mas nenhum deles protege, especificamente, a área.

O projeto Parque Ecológico Guarani poderá garantir à região proteção ambiental?
O projeto ainda está em discussão. Por isso, ainda não temos uma garantia de proteção. O que está sendo discutido era a intenção de cercar a lagoa. O mutirão e as ONGs não querem permitir, pois não haveria verba para proteger completamente a área. Além disso, existem outras medidas que poderiam ser priorizadas para o local, como realizar o reflorestamento e colocar corrimão. Queremos que as pessoas se "apropriem" do local, que elas tenham essa sensação de pertencimento e não de afastamento e a cerca só afastaria as pessoas da lagoa. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

IAGO DAVID

'Preconceito na ponta da língua'

Muitos desconhecem o preconceito linguístico, que é mais comum do que se imagina

O Brasil é grande e nele existem algumas variações linguísticas, o que deveria ser normal, mas não é isso que se vê. Apesar de não parecer tão prejudicial como outros, o preconceito linguístico pode causar sérios problemas em quem sofre. Infelizmente o preconceito é mais comum do que se imagina, está presente praticamente em todos os lugares, às vezes passando despercebido. O linguísta Iago David Mateus conta um pouco mais sobre a realidade e os danos causados por essa prática e os meios para combatê-la.

POR LUAN PORTO

O preconceito linguístico está presente em todas as fases da vida. O quanto é prejudicial para uma criança sofrer esse preconceito na escola?
A variedade linguística que uma pessoa usa, também está dentro do que ela é. Isso pode gerar uma timidez muito grande dentro da criança, fazendo com que ela não se pronuncie por ter vergonha de seu modo de falar. Caso esse preconceito persista, a criança pode desenvolver grandes dificuldades em se comunicar por pensar que sua forma de falar é "errada" ou "inferior". Em consequência disso a criança poderá desenvolver dificuldades na aprendizagem também.

O pouco domínio da língua devido a falta de estudos também é alvo de preconceito, você acha que a educação é a única saída para reverter essa situação?
Não acredito que seja a única, mas é uma saída desde que a educação consiga tornar os falantes competentes na própria língua, de modo que eles consigam adequar sua variedade linguística à situação de fala.

O preconceito em sua maior parte vem de classes sociais mais favorecidas. O poder econômico é o maior responsável por essa prática?
De certa forma sim, mas não apenas o poder econômico, e sim as ideologias, mentalidades e opiniões que estão por trás disso. Então tem relação. Como essas classes têm uma variedade linguística mais próxima da norma considerada como padrão, elas normalmente vão desprestigiar as outras.

Você, como professor, acredita que uma metodologia de ensino diferente da atual presente na maioria das escolas, poderia fazer com que as próximas gerações crescessem aprendendo a respeitar diferenças?
Acredito que sim, não apenas no ambiente escolar, mas também dentro de casa. O preconceito surge do desconhecimento, então falar sobre as diferenças, com certeza vai ajudar isso. Mudar a metodologia dentro da sala de aula, fazendo o aluno pensar nessas diferenças é muito relevante; colocar isso em prática com exercícios seria bem útil.

O Brasil é um país que recebe grande número de imigrantes todos os anos, muitos chegam de países mais pobres para trabalhar na construção civil, etc. Esses imigrantes também são alvos de preconceito durante o trabalho, muitos até desistem e voltam para casa. Como você acha que as empresas poderiam melhorar a assistência para trabalhadores que sofrem esse preconceito?
Como dito antes, a melhor saída é você se familiarizar com as diferenças e mostrar que ela não significam superioridade ou inferioridade.

O quão essencial é o papel dos pais para evitar que as próximas gerações continuem com a prática do preconceito linguístico?
O papel dos pais e da família segue essa mesma linha. Já que o preconceito nasce do desconhecimento, as diferenças precisam ser comentadas, trazidas para dentro de casa, fazendo com que haja aceitação.

No mundo musical, o Rap sempre foi um gênero que buscou desconstruir estereótipos e recentemente MC's nascidos no Nordeste ganharam grande popularidade. Você acha que a música também pode contribuir para maior aceitação de diferentes sotaques?
Sim, a música tem um enorme potencial para contribuir com a aceitação, inclusive muitos MC's vem fazendo isso e é bom. Os jovens têm muito acesso a essas músicas, o que tem diminuído o desconhecimento, que é onde nasce o preconceito.

A TV é um meio de grande influência. A programação dos canais abertos colabora de forma positiva para esse assunto?
A TV tem um grande poder para mudar isso, mas infelizmente parece ignorar e apenas dissemina preconceitos contra a variedade linguística, dessa forma acaba colaborando negativamente.

O Brasil é imenso, com quase 200 milhões de habitantes e é inevitável tamanha variação linguística em nosso território. Além da educação, música e TV, o que você acha que poderia contribuir para uma maior aceitação dessas diferenças?
Acredito que só pelo tamanho do país, as pessoas já deveriam entender que existem várias diferenças. Professores precisam trazer esse assunto para as salas de aula, lutar. O conhecimento é o maior passo que podemos dar para o fim do preconceito, seja ele racial, linguístico, o que for. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

JAISA ABALO

'A Saúde Mental dos Universitários'

A psicóloga Jaisa Abalo revela que está aumentando o número de alunos com problemas mentais que estão procurando ajuda

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que não existe uma definição oficial de saúde entre o patrimônio interno e as vivências e exigências externas. O ingresso na instituição de ensino superior exige que o estudante apresente esses recursos cognitivos e emocionais complexos para o manejo das demandas desse novo ambiente. Nesta situação, a especialista em saúde mental, Jaisa Fernandes Viccari Abalo, esclarece algumas formas de como perceber sintomas e fazer o acompanhamento psicológico. A psicóloga revela ainda que a procura por ajuda aumentou nos últimos anos.

POR LUIZA FOSTER SANDRIM

Mural Entrevista - Como você avalia a vida psicológica atual do jovem universitário?
Jaisa - Tenho reparado que a procura por atendimento psicológico aumentou, consequentemente, a qualidade de vida não está tão boa. Atualmente, é cobrado muito conhecimento de todo mundo. Por exemplo, o que uma criança de 12 anos hoje em dia tem que saber, é muito mais do que um adulto de 50 anos conhecia na década de 20. A queixa comum dos universitários é a pressão, o excesso de matérias, dificuldades de concentração e de memória.

Quais os fatores que influenciam a vida psicológica dos jovens?
Hoje está tudo muito rápido, a tecnologia está muito avançada. Isso é bom por um lado e ruim por outro. A cobrança é maior, ter que saber muita coisa em pouco tempo, muita competitividade, mas o fator mais comum tem sido os transtornos de ansiedade. As pessoas novas estão tendo crises de ansiedades, não estão conseguindo lidar com a demanda de atividades.

Qual é o grau de importância da família na fase universitária do jovem?
Embora muitos pais não tenham noção, a família possui uma importância muito grande. É necessário apoio, perguntar se está tudo bem, se o filho está precisando de alguma ajuda. Os pais podem apoiar ou atrapalhar, muitos só cobram do jovem, falam que "só estuda". Não tem ideia de que não é "só estudar". Tem muita tarefa para fazer. É trabalho, texto para ler e atividade em grupo. Eventualmente, pode acontecer de um aluno não se sair bem em uma disciplina e o pai fala "você só estuda". Isso atrapalha. Agora, tem os pais que são muito apoiadores, incentivam, e isso faz muita diferença.

Quais os sinais negativos que podem ser percebidos pelos grupos de convívio do estudante?
O jovem vai dando sinais. Por exemplo, tem um aluno que é assíduo, faz tudo, mas começa a faltar, deixa de estudar e de se concentrar. Desse modo, o grupo vai percebendo que ele está diferente do que sempre foi. Dormir, beber ou fumar de mais. Algo mais começa a acontecer, uma situação diferente do jeito de ser dele.

A partir de que ponto o jovem se dá conta que está sofrendo emocionalmente e, por consequência, fisicamente, e procura ajuda?
No ponto em que o rendimento e as notas começam a cair, as tensões aparecem, sono em demasia, não sente mais graça no lazer como antes. Em atividades que os colegas chamam para fazer não demonstra vontade, sente-se diferente. Tudo isso chega a um ponto de sofrimento que ele acaba procurando ajuda.

Por que só a minoria dos jovens procura ajuda psicopedagógica?
São três fatores. Ainda há uma resistência de lidar com os fatores emocionais e uma banalização de achar que tristeza é besteira. Existe também o preconceito de que psicólogo é coisa de maluco. Também tem a vergonha em admitir o que está acontecendo para seus grupos de convívio. Embora a procura por ajuda tenha melhorado muito nos últimos anos, inclusive de meninos, quem procurava mais eram as meninas.

A incerteza do mercado de trabalho e o futuro profissional interferem de que forma?
No final da graduação, aparece essa angústia. O aluno começa a pensar o que vai ser da vida dele, e surge o medo de não conseguir ingressar no mercado de trabalho. Uns lidam melhor, outros não, mas ele precisa entender que é com o tempo que se consegue uma colocação.

Como os professores podem ajudar o jovem que está passando por isso?
O professor tem acesso ao aluno o tempo todo. Ele pode perceber que o estudante não está bem, conversar com ele e encaminhar para o apoio de um profissional. Isso é comum acontecer. Os próprios alunos também pedem ajuda para os professores e os coordenadores.

Como é o processo para conseguir apoio no Serviço de Apoio Psicopedagógico (Seap)?
Por meio de inscrição espontânea, o aluno faz inscrição na Clínica da Unaerp, preenche um questionário com dados pessoais, acadêmicos, e explica qual o problema que está passando. Tem alunos que procuram professores e coordenadores, aí eles mandam o pedido de atendimento para esse aluno. Assim, ocorre duas maneiras, procura espontânea ou indicação. O Seap, além de terapia breve, oferece reorientação vocacional, para quem não está contente com a primeira escolha, e semestralmente realiza curso de métodos para pessoas que estão com dificuldades para estudar e organizar o tempo. Também ajuda estudantes que estão com problemas de memória, de concentração e de ansiedade nas épocas de provas. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

MATHEUS FRANCOY

'A fonoaudiologia no jornalismo'

Saber se comunicar bem é uma necessidade para qualquer indivíduo nos dias atuais. Já os profissionais da comunicação precisam transmitir informações com credibilidade

A Fonoaudiologia atua junto aos profissionais do telejornalismo desde a década de 80 e está cada vez mais presente nas emissoras de televisão, garantindo qualidade mínima da fonoarticulação para tornar a mensagem clara e precisa. O fonoaudiólogo Matheus Francoy Alpes, 22 anos, é formado desde 2017 pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-SP). Atualmente, ele realiza uma pesquisa sobre o Aperfeiçoamento em Linguagem Infantil na própria FMRP-SP, além da especialização em Distúrbio de Fala e Linguagem pela Faculdade Unyleya (ensino à distância). Na entrevista a seguir, o fonoaudiólogo explica que o trabalho com o telejornalista tem dois pilares fundamentais: garantir a expressividade e manter a saúde da fala.

POR MARIANA CARVALHO

Mural Entrevista: O que te ajudou a escolher essa profissão?
Matheus: Quando estava no Ensino Médio, eu tinha muita paixão pela área de Português, Literatura e Línguas Estrangeiras. Na maioria dos vestibulares, eu prestava asprovas para o curso de Letras. Como sou de Ribeirão Preto e temos o Campus da USP na cidade, decidi que prestaria algum curso para, pelo menos "tentar" e quem sabe, ficar na cidade. Comecei a pesquisar as possibilidades e entre todas, gostei de dois cursos: Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Escolhi a Terapia Ocupacional e, um dia antes de fecharem as inscrições, mudei para a Fonoaudiologia. Fiz todo o processo seletivo de provas, passei e decidi ficar na cidade por ser mais cômodo e mais fácil do que ir para outra localidade. Entrei sem saber o que faria e como seria, mas resolvi enfrentar e hoje só tenho boas memórias da faculdade. Sou apaixonado pelo que faço.

Quais são os principais tratamentos oferecidos pelo fonoaudiólogo?
O fonoaudiólogo é o profissional habilitado para atuar nas áreas de audiologia, linguagem, voz, motricidade orofacial e disfagia. Somos responsáveis por fazer uma avaliação frente a qualquer uma das áreas, bem como o processo de intervenção terapêutica, se necessário. Atendemos todas as faixas etárias, desde recém-nascidos até idosos, com as mais variadas demandas.

A função do fonoaudiólogo vai além de um "educador vocal"?
Sem dúvidas! O mercado e as possibilidades de atuação para o fonoaudiólogo são infinitas, cada vez mais os profissionais conhecem novas áreas e meios de trabalho. A atuação com os jornalistas é um exemplo disso, pois saímos do ambiente clínico para entrar em estúdios de rádio e de TV.

Qual a importância do trabalho do fonoaudiólogo com os jornalistas?
A principal intervenção fonoaudiológica a ser realizada envolve aspectos referentes à comunicação verbal e não verbal, associando comportamento verbal e expressividade.

Quais são os tipos de expressividade recomendados para o telejornalista?
A expressividade do jornalista é primordial para passar a notícia. Deve haver uma complementação entre a expressividade vocal, ou seja, o ritmo, o uso de linguagem técnica, a articulação dos músculos faciais e a expressividade que diz respeito ao uso de gestos corporais e faciais.

Quais as diferenças entre cada área jornalística?
A abordagem terapêutica é a mesma, porém, os aspectos a serem trabalhados em sessão podem diferir. Por exemplo, com um jornalista apresentador de um telejornal serãodesenvolvidas mais questões de expressividade do que com um radialista, uma vez que o radialista não é "visto" por seus ouvintes. Não que o aspecto não será desenvolvido, mas ocorrerá em menor proporção.

Consultas individuais são mais proveitosas do que as em grupo?
Depende do caso. Em sessões individuais, há maior preocupação para o paciente em questão, pois toda a atenção está voltada a ele e é possível evidenciar de maneira mais fácil todas as capacidades e limitações, bem como os aspectos a serem trabalhados. A intervenção em grupo também é muito rica, principalmente pelo contato, acolhimento, vínculo e troca de experiências proporcionadas.

Você acredita que estão se formando mais fonoaudiólogos com o propósito de trabalhar na mídia, com jornalistas?
Com certeza. Com o advento da mídia e sua constante modernização, os profissionais estão cada vez mais voltados a esse meio. Sinto que é um mercado de atuação crescente, principalmente no que se refere às plataformas digitais e on-line que também demandam intervenção fonoaudiológica.

Quais caminhos e formações complementares o fonoaudiólogo que atua nessa área precisa fazer?
O fonoaudiólogo atuará basicamente na área de voz. Temos durante a graduação disciplinas teóricas de comunicação profissional e estágio prático para quem optar por esse caminho. É aconselhável se especializar, fazer cursos, aprimoramentos e aperfeiçoamentospara melhor atender ao público, uma vez que a ciência está em constante mudança e evolução.

Existe alguma preparação especifica para utilizar a voz de forma excessiva, por exemplo, na alimentação?
Existem muitos mitos e verdades. O indicado para quem é profissional da voz é sempre realizar aquecimento vocal com exercícios fonoaudiológicos específicos, estar descansado e com sono regular, praticar atividades físicas e controlar o etilismo e o tabagismo. Quanto à alimentação, ingerir a quantidade ideal de água por dia (2 litros) e consumir alimentos saudáveis, comidas adstringentes, por exemplo, como a maçã, que "limpam" a garganta e dão uma sensação de alívio e de bem-estar. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

CLÁUDIA XAVIER

'Mercado ilegítimo de animais'

Comercializados ilegalmente, animais sofrem com maus tratos em canis ilícitos

A venda ilegal de bichos acontece cotidianamente, em canis, gatis e, muitas vezes, em grandes pets shops renomados. Esse mercado é alarmante, pois os compradores, muitas vezes, não têm ideia de onde vêm os animais que estão comprando e não conhecem as condições nas quais os reprodutores e filhotes vivem. Cláudia Aparecida Xavier, integrante da ONG Associação Vida Animal (AVA), de Ribeirão Preto, explica que os donos de canis clandestinos, na maioria, praticam maus tratos e prendem os animais em cativeiro, exclusivamente para reprodução. O objetivo é obter o máximo de lucro com os "pets".

POR MELISSA GOUVEIA

MURAL ENTREVISTA: Como a comercialização de animais afeta os próprios bichos?

CLÁUDIA XAVIER: Os problemas iniciam-se pela falta de conscientização das pessoas que vendem e que compram. As que vendem objetivam o lucro com a vida dos animais e na grande maioria usam machos e fêmeas para procriação até ao último suspiro destes. E quando, pela idade avançada, ou por doença, eles não podem mais procriar são abandonados na rua ou no próprio canil legal ou clandestino até morrerem, sem até atendimento veterinário, porque neste momento começam a gerar despesas. As pessoas que compram acabam financiando toda esta crueldade. E este tem sido nosso árduo trabalho de convencer as pessoas sobre a realidade da castração, primeiro para preservação da saúde deles e no segundo plano para controle populacional.

Como a legislação brasileira age sobre os canis e a criação ilegal de animais com fins lucrativos?

Não há uma legislação especifica e não há fiscalização. A legislação é muito fraca no tocante à proteção animal e também com os canis, pois o que os caracteriza é a crueldade. Neste momento deveria entrar a lei, mas falta fiscalização. A partir disso, entra o trabalho das ONG'S. Quando há alguma denúncia é necessário acionar a polícia. Na AVA, por exemplo, somos contra a reprodução de animais para fins comerciais. Se temos certeza que algum criador de animal chega à ONG pedindo algum serviço, não atendemos, pois eles vêm buscar atendimento mais barato para depois ganhar dinheiro em cima do animal. Isso foge do nosso princípio e tira a vaga do animal necessitado. Não é justo.

Quais os órgãos responsáveis pela fiscalização dos canis?

A polícia, a zoonose, que agora se dividiu em dois: o Bem Estar Animal, que deveria recolher os animais abandonados; e a Zoonose, propriamente, que trata dos bichos doentes e outros serviços. Em síntese, os órgãos municipais de acordo com a cidade. Mas nenhum desses dá conta, aí acaba sobrando para os protetores, que por fim, levam os animais para dentro de suas próprias casas. A lei afirma que os órgãos responsáveis são obrigados a ir cuidar do animal doente ou prenha, porém, na maioria das vezes, eles não vão. É ineficiência do poder público e a falta de políticas públicas para os animais. É uma questão de todos, pois se a saúde do animal não está bem, deixa a cidade toda doente.

As leis brasileiras funcionam ao punir os donos dos canis ilegais?

As leis brasileiras são muito fracas e as punições não são suficientes para coibir os atos e ou para causar temor nas pessoas. Lembrando que, no Brasil, o animal é protegido pelo direito de propriedade, bem móvel, como uma geladeira, fogão, ou seja, uma coisa, ou seja, a própria lei é equivocada. Particularmente, penso que a lei deve tratar os animais como senciente, com direito à vida, e um crime contra a vida do animal deveria ser tratado como é o homicídio na lei criminal, um crime contra a vida.

Como funciona a comercialização ilegal de cães?

Funciona como uma reles mercadoria que, se der algum problema, a pessoa quer devolver, ou joga na rua, ou requer o dinheiro de volta. Aí o canil, por vezes, não quer o animal de volta e, por fim, acabam abandonando.

O que fazer para evitar participar do comércio ilegal?

A educação ambiental e conscientização das pessoas. E, acima de tudo, a mudança na legislação seria o melhor caminho para evitar o comércio ilegal de animais.

O que uma pessoa deve ter em mente ao adotar um animal?

Muito importante esta questão. Quando a pessoa opta pela adoção, deve ter consciência de que se trata de uma vida, que sente amor, dor, tristeza, depressão, fome, sede. Portanto, deve ser tratado com respeito e dignidade, lembrando que esta vida pode durar até vinte anos, mais ou menos. É um novo membro na família com todas suas necessidades.

Como a adoção pode ajudar, também, na recuperação dos animais?

A adoção é de suma importância para o animal, pois quando se sente seguro na sua nova família a recuperação é rápida e a impressão que se tem é que volta a confiar no ser humano.

Depois da adoção, há algum tipo de acompanhamento?

No ato da adoção a pessoa assina um termo, ficando ciente de suas obrigações e responsabilidades, inclusive com prazo de trinta dias para adaptação, e os protetores daquele animal mantêm contato para acompanhamento da nova vida. Ressaltando que, no caso de não adaptação, o adotante deverá permanecer com o animal até que seja adotado novamente.

Como surgiu a ideia de criar a Associação Vida Animal?

A AVA foi fundada há 21 anos pela reunião de pessoas amantes dos animais e sensíveis ao sofrimento destes, cujo objetivo sempre foi a proteção da vida animal, já que, não existia, como ainda não existem, políticas públicas para tanto.

Quais são as maiores ações quanto à proteção dos animais?

No tocante à proteção animal a ONG AVA promove campanhas de castração a preços reduzidos, bem como mantém clínica veterinária a preço popular e atendimento gratuito nos casos mais carentes, além de promover a conscientização e educação ambiental e luta por mudanças na legislação de proteção animal. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

NANDO ARAÚJO

'O gosto musical da juventude'

Segundo filósofo Nando Araújo, a ausência de uma educação musical resulta na falta de interesse do jovem por canções mais complexas e críticas

A música brasileira sempre teve uma grande representatividade no país, porém, ao longo dos anos, sofreu transformações, seja nas letras, na composição melódica, no público apreciador de cada estilo ou até mesmo no objetivo final, que deixou de ser cultural e passou a ser comercial. Segundo pesquisa realizada pelo IBOPE em 2013, o gênero mais consumido pelo brasileiro é o sertanejo, apreciado por 58% da população. O estilo, pela sua simplicidade e facilidade de interpretação, vem sendo o favorito da maioria do público, principalmente pelos jovens. Enquanto a MPB, apreciada por 47% da população brasileira, restringe-se ao público mais antigo, sendo pouco valorizada pelos jovens e pouco representada por artistas contemporâneos. O filósofo e músico Nando Araújo analisa essas alterações no cenário musical brasileiro, ressaltando a necessidade de uma educação musical no país a fim de despertar o caráter crítico nos jovens. Nando é mestre em Musicologia pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro e atua como professor, produtor, apresentador e escritor, além de desenvolver o projeto musical "Harpa e Voz".

POR PAULA VIANA

Mural Entrevista - Nando, o senhor vive da música e da filosofia. Como cada uma delas se tornou parte da sua vida?
Nando Araújo - O estudo da música começou na minha infância, por volta dos 5 ou 6 anos. Durante esse período,toquei trompete em banda marcial, fiz aulas de piano, influenciado pela família e aprendi violão, inclusive erudito. Já na adolescência, por volta dos anos 80, mudei um pouco o estilo e comecei a tocar guitarra em uma banda de garagem, passando assim por diferentes gêneros musicais. O contato com a filosofia, entretanto, surgiu através da minha maturidade, já como estudante acadêmico. Durante meu mestrado em Musicoterapia, um professor de filosofia me despertou o interesse por essa área que. Posteriormente, tornou-se um meio de trabalho.

Como professor, de que forma avalia o interesse do jovem para o estudo e a interpretação de músicas populares brasileiras?
Devido à resistência c ultural, os jovens têm acesso, majoritariamente, aos gêneros ligados ao entretenimento, sendo mais restrito o alcance aos demais estilos. Dessa forma, a música hoje é vista de forma marginalizada pela maioria da sociedade que não a encara como uma arte complexa que merece ser estudada e valorizada. Portanto, o jovem e o brasileiro em geral não têm um olhar crítico para música, eles não se interessam por essa interpretação e estudo. Aqueles que comentam sobre a arte, o fazem de acordo com as preferências, como uma estratégia de marketing e não como uma crítica, de fato.

A falta de interesse pela leitura e pelo estudo da filosofia contribui para que o jovem mergulheno vazio intelectual?
Não só a falta de leitura e de estudo da filosofia, mas também a pressa que o jovem tem hoje em dia para se inserir no mercado de trabalho. Existe uma cobrança da sociedade em cima dos adolescentes para que eles adquiram, em curto prazo, sucesso profissional e estabilidade financeira, o que acaba limitando o poder do jovem de desenvolver sua intelectualidade, já que esse processo exige tempo. Além disso, o excesso de informações que o adolescente recebe atualmente também contribui para essa deficiência intelectual, pois a quantidade de conteúdo é tão grande que o jovem é incapaz de filtrar e de relacionar, gerando assim, um acúmulo de informações que não o preenche intelectualmente.

Segundo pesquisa do IBOPE, nas décadas passadas, o público de MPB era na maioria jovem. Hoje, esse público diminuiu e quem aprecia o gênero, normalmente, são pessoas com mais de 40 anos. Quais fatores levaram a essa alteração?
Nas décadas anteriores, os jovens eram mais sensíveis e poéticos em relação ao mundo, ou seja, enxergavam a realidade de forma diferente dapercepção atual. Eles eram capazes de analisar e refletir acerca do mundo em que viviam e, hoje, com essa pressão exercida pela sociedade em cima dos adolescentes, eles perderam esse olhar poético sobre o mundo e passaram a ter uma visão mais prosaica, sem muita análise e crítica. Como consequência dessa mudança, os hábitos dessa geração também mudaram e tornaram-se corriqueiros, preferindo os jovens, em sua maioria, as composições de entretenimento em vez das músicas mais críticas.

A mídia tem influência nessa diminuição do público jovem que critica, interpreta e valoriza as canções ideológicas?
Sem dúvidas, sim. A mídia é capaz de ditar o gosto do público, com base naquilo que ela reproduz. A rádio FM, por exemplo, transmite, na sua maioria, os mesmos gêneros e músicas, diariamente, fazendo com que o jovem ouça sempre a mesma coisa e não conheça os demais repertórios e estilos. Por isso, ela influencia completamente nessa diminuição de público. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

ISABEL M. S. OLIVEIRA LIMA

'Família brasileira segue indefinida'

Projeto de Lei 6.583/2013, que estabelece o Estatuto da Família, tramita na Câmara dos Deputados e quer decretar de uma vez por todas o conceito de família no Brasil

A Constituição Federal de 1988 reconhece como família a união estável entre um homem e uma mulher ou qualquer um desses e seus descendentes. Entretanto, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, em 2011, que pessoas do mesmo sexo também podem se unir juridicamente, tendo, portanto, os mesmos direitos e deveres de outros casais. Por sua vez, o Estatuto da Família quer, definitivamente, retomar o que estava previsto na Constituição brasileira. A doutora em Saúde Pública e juíza aposentada de Direito, do Estado da Bahia, Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima – que há 40 anos trabalha e pesquisa sobre Direitos Humanos, à Saúde e à Família –, afirma que esse entrave jurídico retoma discussões políticas e sociais de um tema que parecia resolvido no País.

POR PEDRO SALIBY

Mural Entrevista – O que propõe o Estatuto da Família?
Isabel Lima: O Estatuto da Família (Projeto de Lei 6583/2013) dispõe sobre os direitos da família e as diretrizes das políticas públicas voltadas para valorização e apoio da entidade familiar. Conforme o Estatuto, a entidade familiar constitui o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Por que é necessário dispor de uma lei para definir o que é uma família?
A nossa Constituição Federal de 1988 traz a definição de entidade familiar como a união entre um homem e uma mulher ou qualquer dos pais e seus descendentes. Ora, o atual Projeto de Lei seria um desdobramento da regulamentação original. Visa o projeto atualizar, a partir das relações contemporâneas, as "regras" estabelecidas para conceituar entidade familiar. Desta forma, com a proposta do Estatuto da Família, pretende-se evitar decisões, tais como as do Supremo Tribunal Federal, quando, em 2011, decidiu que pessoas do mesmo sexo podem se unir juridicamente.

Quais as preocupações caso o Estatuto seja aprovado?
Com a decisão do Supremo Tribunal Federal em 2011, inaugurou-se o reconhecimento do casamento de casais homoafetivos. Caso haja a aprovação do Estatuto da Família, estes casais não serão considerados entidade familiar e, como consequência, as pessoas homoafetivas que formem pares, não teriam direitos como pensão, INSS ou outros benefícios advindos da construção desta conjugalidade não reconhecida.

Se a Constituição já define "família", por que o STF pode ter outro entendimento?
O Supremo Tribunal Federal tem como uma das funções interpretar questões pertinentes à Constituição Federal. A interpretação deve ser baseada à luz dos princípios constitucionais, ou seja, princípios traçados pela própria Constituição, dentre estes: dignidade da pessoa humana e direito à liberdade. Assim, ao decidir pela possibilidade da união entre pessoas do mesmo sexo, o STF aplicou os princípios constitucionais e, por isso, a decisão está à luz da Constituição.

Se já existe decisão sobre o que é casamento, por que ainda se discute sobre isso?
Esta pergunta é interessante e reflete a pluralidade de pensamento na mesma sociedade. Como existem grupos que não concordaram com a decisão do Supremo Tribunal Federal, ou mesmo com outras situações existentes na sociedade, buscam a partir de um projeto de lei que essa situação seja revertida.

A senhora é a favor ou contra o Estatuto da Família?
Eu entendo que o eixo central das relações seja o respeito à diversidade e à garantia da dignidade da pessoa humana. Assim, um conceito que exclua qualquer grupo social não deve ser chancelado em um Estado Democrático de Direito, como é o Brasil.

O que falta para o Estatuto da Família ser aprovado?
O Estatuto foi aprovado pela Comissão Especial da Família e pode seguir para o Senado direto. Se aprovado no Senado, o projeto ainda passa pela sanção presidencial.

O que vai acontecer se o Estatuto da Família for aprovado?
Não é possível precisar o que vai acontecer se o Estatuto for aprovado. Essa é a grande dúvida no momento. A discussão é se a decisão do Supremo Tribunal Federal continuaria valendo ou não. Teoricamente, passa a valer a lei específica sobre o tema, no caso o Estatuto da Família, já que o nosso sistema, não obstante as discussões, ainda é o do "Civil Law", ou seja, entendemos que a lei é a fonte primordial. Importante mencionar, que a decisão do STF não é considerada uma lei.

A senhora considera que, neste aspecto do Direito da Família, o Brasil está atrasado ou no mesmo compasso de outras nações ocidentais desenvolvidas?
Atualmente, o entendimento dos nossos Tribunais está na valorização da afetividade, que permite ao Brasil reconhecer a dignidade da pessoa humana, independentemente de qualquer característica ou atributo da pessoa. Podemos dizer que nossa jurisprudência está caminhando para o conceito de família eudemonista (doutrina segundo a qual a felicidade é o objetivo da vida humana), o que nos mantém em compasso com outras nações desenvolvidas. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

MARCUS VINÍCIUS

'Os bastidores da emissora ESPN'

A preparação de um programa em TV dá mais trabalho do que fazer o próprio programa

A ESPN é uma empresa de televisão dos Estados Unidos, com uma produção exclusiva de conteúdo esportivo, além de transmissões das principais ligas mundiais. O maior foco da emissora são os esportes americanos, tais como basquete, beisebol, futebol americano, hóquei, entre outros. A rede opera para mais de 150 países, tornando-se assim o maior canal esportivo do mundo. Marcus Vinícius, editor-chefe do programa ESPN League, jornalista, fotógrafo e produtor de vídeos, fala que o canal no Brasil vem alcançando ótimos resultados, especialmente com a junção com o grupo Disney. Vinícius informa que tinham o segundo lugar assegurado, mas uma reformulação, trazendo novos comentaristas, novos cenários e novos programas aumentou ainda mais o público.

POR RODRIGO LAZARINI

Mural Entrevista: Como está a audiência da ESPN hoje no Brasil?
Marcus Vinícius: Cada vez crescendo mais. Em junho deste ano tivemos o nosso boom. Com a última final da NBA houve um aumento de mais de 60% na audiência. O crescimento em 2016 foi de 71%. Conseguimos dominar o mercado quando se trata de esportes americanos.

Como é conduzir uma nova fase do canal, em que os números de audiência batem recordes?
É gratificante. Todo o trabalho que foi plantado há anos está sendo colhido agora. Conseguimos bons parceiros e esses patrocínios elevam o nível dos programas. Conseguimos também buscar profissionais qualificados no mercado, oferecendo bons contratos. Ainda assim, alguns canais possuem vantagens que não conseguimos ter. Às vezes não podemos cobrir um evento in loco, mas outra emissora consegue. Muitos pacotes televisivos estão sendo oferecidos por empresas de TV a cabo e não nos incluem. Quando não fazemos parte de pacotes básicos, perdemos audiência e deixamos de ganhar patrocinadores. Mas, estamos nesta transição. Fico feliz em poder estar alcançando meus objetivos pessoais e profissionais.

Como o senhor prepara o seu dia a dia na redação, sabendo desses números?
Existe certa pressão. Conseguimos em jogos noturnos ser líder em audiência. Desbancar uma emissora como o SporTV não é fácil. A chegada de outras como a Fox e o Esporte Interativo fez com que as coisas também mudassem um pouco dentro da ESPN. Jornalista tem que estar ligado 24 horas por dia. Acordo olhando meu celular para ver as notícias do Brasil e do mundo. Tenho que analisar e "filtrar" o que é necessário para o público brasileiro. A maioria das notícias é de sites estrangeiros, mas conseguimos passar ótimos assuntos que sempre dão grandes resultados. Quando chego na redação, faço uma reunião com o grupo para alinharmos o que será exibido no programa.

Quais as principais dificuldades em relação à montagem do programa ESPN League?
Como é um programa que passa às segundas e sextas não podemos pegar notícias muito velhas, pois todo mundo já viu e não podemos também prever muitas coisas. É achar o ponto e a notícia que vai atrair. Se tivermos jogos de destaque ou algum fato extraordinário, claro que estará no programa, mas nem sempre podemos mostrar tudo. Todos os vídeos e artes são pré-selecionados e aprovados na reunião. Sempre tentamos colocar informações tanto para os leigos como para quem já é expert. A interação com o público é fundamental, pois às vezes eles enxergam coisas que nós não conseguimos. Grande parte do programa passamos analisando os jogos, trocas envolvendo jogadores, que sempre é uma parte que o público gosta.

Se formos aprofundar um pouco mais, o que explica o fato de a NBA e a NFL estarem tão em alta no Brasil?
Há dez anos, a NFL era um esporte muito de gringo. Todo mundo era "meio contra", achavam um esporte selvagem. Foi uma fase complicada. Um dos pontos que revolucionou, em 2012, foi a apresentação da Beyoncé no intervalo do Super Bowl, que é o jogo mais visto do ano. Foi quando explodimos. Essa mistura vem da cultura americana, quando a NFL resolveu convidar o Michael Jackson em 1991 para se apresentar e trazer esse público pop para o esporte. Este ano foi a Lady Gaga que se apresentou. Você não imagina quantas pessoas vieram me falar que assistiram o show e continuaram vendo o jogo porque estava legal. Essas novidades são sempre bem legais e atrativas para um público que ainda desconhece o esporte. É um case de sucesso essa referência que a ESPN é a "casa" do esporte americano.

Desde o surgimento, as redes sociais foram importantes. Como é essa interação do público com narradores e comentaristas?
Nenhum dos canais de televisão tem certeza exata do que estão fazendo em relação à internet. Mas a ESPN vem revolucionando e recentemente contratamos duas novas jornalistas para trabalhar na rede. É preciso saber lidar com o público, mas todas as grandes mídias estão aprendendo a lidar com isso. Pessoas que mobilizam as redes sempre acabam ganhando espaço. É o caso de quando trago convidados blogueiros para participar do ESPN League. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

SANDRA VALQUIRIA

'Luta para voltar à sociedade'

Depois de passar pelo processo de reabilitação, os ex depedentes químicos enfrentam dificuldades emocionais, físicas e profissionais para se reintegras à vida social

A dependência química é reconhecida pela OMS (Organização Mundial de Saúde) como uma doença crônica. Doença que vem atingindo milhares de brasileiros a décadas. Para conseguir uma reabilitação completa, as vezes é necessário uma internação em uma clínica, um acompanhamento psicológico, apoio familiar e sempre muito empenho por parte do dependente. A sociedade de modo geral, costuma ter uma opinião formada sobre essas pessoas vítimas do vício. Por associarem o uso de substâncias químicas, como álcool ou drogas, à marginalidade, a luta de um ex dependente químico não termina juntamente com sua reabilitação. Na verdade, a reinserção a sociedade é uma etapa com inúmeros desafios. Reconquistar a aceitação profissional, social e familiar é uma luta que deve ser vencida diariamente. A psicóloga Sandra Valquíria, que atende pacientes em uma clínica de Jardinópolis e também em seu consultório, irá nos contar um pouco sobre os reais desafios que um ex dependente químico enfrenta ao retornar a sociedade.

POR RONI BARUFALDI

Mural Entrevista: Nós partimos de um pressuposto de que todos os dependentes químicos que conseguem vencer o vício precisam de muita força de vontade. Quais as expectativas que eles têm ao retornar à sociedade?
Sandra Valquiria: Há uma variação muito grande para cada indivíduo. Depende muito de como ele estabeleceu seus vínculos com essa sociedade durante o tempo em que esteve acometido pelo uso de álcool ou drogas. Ele geralmente sai de uma internação com boas expectativas, sua autoestima elevada, crendo em uma reconstrução de tudo aquilo que foi abalado, crendo reaver, reconquistar o que julga ter perdido em relação a vínculos familiares, laços amorosos, vida profissional e sua saúde.

É necessário um acompanhamento psicológico mesmo depois de reabilitado?
É o ideal, pois se tratando de uma doença crônica e muito alusiva ao estado emocional, é importante a ajuda tanto para se manter sem uso de entorpecentes, como para lidar com essa reinserção na sociedade e com os familiares.

Qual o papel da família nesse período de reinserção social?
O papel da família é fundamental nessa fase. Para sua estabilidade emocional, o ideal é que o ambiente familiar seja saudável, acolhedor e seguro, mas que haja regras e limites para essa convivência.

Em relação ao mercado de trabalho, existe algum tipo de desvantagem para os ex dependentes?
Existe sim algumas desvantagens. Em alguns casos, devido ao uso de entorpecentes eles não conseguem desempenhar o seu potencial de força de trabalho, trazendo para si uma frustração como inapto ou desqualificado. Outra limitação a ser considerada é a não qualificação profissional, e além do mais alguns usuários entram para a criminalidade para manter seu vício, adquirindo uma ficha criminal que pode comprometê-lo caso haja um pedido de antecedentes criminais pela empresa na qual ele está pleiteando um trabalho. Por isso, é muito comum optarem por trabalhos autônomos como jardinagem, construção civil e serviços de manutenção.

As recaídas ou reincidências ao vício podem estar diretamente ligadas a frustrações profissionais?
Sim, pode ocorrer. Há algumas dificuldades para obter estabilidade financeira, ocasionando possíveis dificuldades para a manutenção de si mesmo e de seus dependentes, caso haja.

Manter contato com outras pessoas que partilham da mesma situação é recomendável?
Depende de como se dá esse contato. Se for dentro de um grupo de ajuda, com um profissional mediador, a troca de experiências pode acrescer em sua reinserção à sociedade.

Onde mais um ex dependente químico pode buscar ajuda?
Em se tratando de uma doença crônica, é necessário que ele mantenha acompanhamento médico e psicológico, cuidando de si como um todo, não só como um adicto, mas como um indivíduo comum com suas necessidades específicas. Temos na cidade de Ribeirão Preto, instituições como a ONG NAI (Núcleo de Acessibilidade e Inclusão), AA (Alcoólicos Anônimos) e do CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas de Ribeirão Preto). Quanto a uma instituição religiosa, se ele confessa alguma fé é importante, pois isso se torna uma ajuda a mais para ele.

De modo geral, a sociedade como um todo sabe receber essas pessoas da maneira adequada?
Infelizmente ainda há muita falta de informação por parte da sociedade. Muitos não reconhecem a dependência química como uma doença, nem mesmo sabem que ela é reconhecida com tal pela OMS (Organização Mundial da Saúde) que consta no nosso DSM 5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Muitos veem a dependência química como uma escolha de vida. Acredito sim que o indivíduo fez uma escolha ao experimentar o uso de algum entorpecente, em um determinado momento de sua vida, mas de maneira alguma escolheu se tornar refém acometido por essa doença, que traz muitos malefícios tanto sociais, como físicos e emocionais. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

JOHAN NORBERG

'Bem habilitado para trabalhar'

Profissionais que estão no mercado de trabalho ou buscam se inserir precisam desenvolver habilidades sociais para alavancar suas carreiras

O mercado de trabalho é cada vez mais competitivo, e exige mais do que conhecimento profissional e competências técnicas. É preciso ter habilidade social para se inserir nesse meio, permanecer e crescer dentro dele. O desenvolvimento dessas habilidades tem se mostrado essencial, mas os profissionais de recursos humanos e o psicólogos sociais buscam definir conceitos e estruturar formas de desenvolvimento das mesmas. Atualmente, poucos estudos são voltados para essas relações e a ciência desse fenômeno está em fase descritiva ainda, explica a psicóloga social Carolyne Vitorazzi, mestranda na USP Ribeirão Preto. Sua pesquisa é sobre o tema e estuda as habilidades que favorencem o bom convívio no mercado de trabalho.

POR STÉPHANE TELES

Mural Entrevista: Habilidades sociais são um tema que vem ganhando espaço nas discussões sobre mercado de trabalho. O que são habilidades sociais?
Carolyne Vitorazzi: Habilidades sociais são o aprendizado de um conjunto de capacidades comportamentais que fundamentam e são fundamentais para as interações sociais. Ter o domínio delas é saber se comportar aos diversos ambientes, é ser respeitoso em relação às atitudes, sentimentos, opiniões. Se eu consigo me adaptar, é sinal de que tenho habilidades sociais.

Qual a diferença entre habilidade e competência social?
A competência social é saber se impor, defender os próprios interesses, é uma capacidade de construir e manter relacionamentos. Já habilidade social é saber se adequar ao local em que está inserido. A diferença é conceitual, no sentido de qual abordagem e metodologia científica você vai adotar para avaliar, desenvolver e conceituar as interações.

Já existem pesquisas sobre esse tema?
Sobre habilidades sim, mercado de trabalho sim, o que é novo é a união desses fenômenos. Cada vez mais vemos a necessidade de pessoas com tais habilidades no mercado de trabalho, é algo que já é cobrado das pessoas.

Quais são as habilidades consideradas necessárias para o mercado de trabalho?
Difícil falar, varia muito de qual é o mercado e qual é a vaga. É uma questão de percepção e saber se adaptar. Mas, normalmente um empregador procura no empregado a habilidade de se relacionar, saber iniciar e terminar uma conversa, a empatia, o autocontrole. São características das habilidades sociais.

Como essas habilidades melhoram o desenvolvimento/ desempenho profissional?
Se eu me adapto e me integro, produzo mais e sou mais feliz. O meu trabalho passa a fazer parte de mim e eu parte dele. A pessoa consegue transformar o lugar onde trabalha em algo além de fonte de renda. Trata-se de uma integração, funciona mais ou menos assim.

Existe um treinamento para a desenvolver essas capacidades? As empresas dão treinamento correto aos empregados?
Sim, existem diversos programas de treinamento de habilidades sociais. Normalmente, as empresas desenvolvem dinâmicas em grupos, encontros da equipe. São diversas as formas, mas todas buscam a integração da equipe.

A tecnologia inibe ou desenvolve a prática das habilidades sociais?
É bem relativo. Se eu souber usar a tecnologia a meu favor, isso pode ampliar as minhas competências, mas se eu quiser me esconder é uma ótima ferramenta. O convívio social é difícil, e muitas vezes o uso da tecnologia pode sim inibir, mas ainda assim é bem relativo.

Quais são principais obstáculos que o jovem encontra ao ingressar na vida adulta?
A mudança das exigências causa a confusão. O jovem vai ser inserido em um contexto social completamente diferente. Se antes eu tinha um professor, agora tenho um chefe. Isso exige outras competências e habilidades, a vida adulta irá exigir o desenvolvimento de habilidades como saber tomar decisões, falar em público, mediar conflitos.

São habilidades aprendidas de maneiras subconsciente, ou precisa de um treinamento?
Em habilidades sociais falamos de cognição e aprendizagem. Para acontecer é preciso que haja treinamento, um processo de aprendizagem. São habilidades que aprendemos com o tempo e as circunstâncias.
Como a psicologia explica o papel da empresa nesse aprendizado do jovem?
A psicologia explica pela via das relações interpessoais. É no mercado de trabalho que essas interações serão ainda mais intensas e que proporcionam uma maior aprendizagem e desenvolvimento humano.

Os jovens têm mais facilidade no aprendizado dessas capacidades do que os adultos?
Sim, os jovens estão mais dispostos a mudanças. Ser adolescente é estar em processo de amadurecimento, por isso são mais receptivos. Enquanto os adultos ainda ficam resistentes, por já terem uma bagagem e já ter apreendido valores durante toda a vida. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

MARCELO BUFFA

'Subnutrição Política'

Na história política brasileira o Mensalão e a Lava-Jato provaram até onde o ser humano é capaz de chegar por dinheiro e favores

A população brasileira é identificada por sempre possuir um jeito simples de resolver as coisas, o comumente denominado jeitinho brasileiro. Essa corrupção em pequena escala é um dos afluentes que chega ao topo da cadeia política. A população torna-se um grande volante, visto que leis são aprovadas com o objetivo de favorecer o grupo estadista em detrimento dos trabalhadores que, sem voz, seguem explorados. O professor de Ciência Política e Sociedade e Cultura da Universidade de Ribeirão Preto, Marcelo Buffa, fala que o clientelismo é uma característica histórica e marcante no Brasil.

POR THALLES GREGÓRIO

Mural Entrevista: O governo Temer ainda possui apoio na Câmara dos Deputados e no Senado? Ou já se tornou uma coalizão por favores?
Marcelo Buffa: A complicação em formar uma coalizão partidária no Brasil é grande. Os presidentes utilizam os recursos ao seu alcance para conseguir aprovar um projeto importante. Esses recursos podem ser emendas, mais utilizadas, além de favores políticos. O presidente tem usado muito desse poder e se não fosse isso já teria perdido o cargo.

O governo Lula foi o estopim dos escândalos de corrupção?
Os casos de corrupção sempre existiram, mas no governo Lula foi dada maior liberdade para o Ministério Público e a imprensa começou a prestar atenção. Ficou claro, então, o grande esquema montado para conseguir apoio eleitoral em que as campanhas eram financiadas em trocas de facilitações junto às estatais. Posteriormente, a Lava Jato mostra a ligação em um único esquema de funcionamento da política nacional. São poucos os isentos e é complicado dizer quem recebeu dinheiro sujo e quem não. Isso remonta a Maquiável, que defende que moral e política não combinam.

A Lava Jato produzirá efeitos concretos para a sociedade brasileira?
Depende de como as investigações serão encaminhadas. Ocorre que alguns políticos são incriminados mais facilmente e a Justiça acaba prestando uma atenção maior neles. O poder político interfere em alguns processos e o foro privilegiado é utilizado por deputados e senadores defensores de sua classe. Antes de qualquer diferença ideológica, eles se protegem. Existem vários exemplos, entre eles o do senador Aécio Neves.

Com os casos de corrupção endêmica pode-se dizer que o país está passando pelo maior exemplo de distorção ideológica partidária?
A questão partidária é diferente da corrupção endêmica. Nosso sistema político até Vargas se baseava no clientelismo. Nós vemos o Brasil tentando agir como França ou Estados Unidos, que tiveram o espírito republicando mais aflorado, e não dá certo, pois naqueles países os indivíduos são levados para o espectro horizontal e no Brasil para o espectro vertical, onde as diferenças sociais influenciam profundamente nossas instituições. É o grande dilema brasileiro.

A Petrobrás teve seu nome manchado no mercado de ações. Na sua opinião, a estatal irá se recuperar?
Sim. Se for privatizada, a estatal sofrerá uma valorização, todavia será a venda de um patrimônio brasileiro estrategicamente importante. Após um tempo, a maior parte das ações não estariam na mão de brasileiros. Vender estatais que são estratégicas não é um caminho saudável para um país como o Brasil. Existem muitas pessoas pobres e essas empresas auxiliam o governo a eliminar a desigualdade. É uma boa saída para estados liberais, mas para países em desenvolvimento não.

O Brasil é a quarta nação mais corrupta do mundo, segundo o índice de corrupção do Fórum Econômico Mundial. Quais são as causas para a omissão do povo brasileiro?
O brasileiro é cordial, aceita tudo passivamente. A imprensa brasileira tem um jeito diferente da europeia de analisar os fatos. Quando os franceses respondem quebrando monumentos públicos, é propagada a visão de manifestação, quando o brasileiro faz a mesma coisa, é visto como vandalismo, independente de quem realiza. O brasileiro aceita o que acontece de cima para baixo e elege aquela figura com quem quer se parecer.

Quais são suas expectativas para o povo brasileiro e o futuro do Brasil?
Não há muitas perspectivas de mudança para o povo brasileiro, visto que a omissão é cultural. Para mudar, é preciso uma reforma na educação, de forma que ela seja colocada como prioridade. Quanto ao Brasil, dependerá da Lava Jato. As investigações devem continuar e devemos torcer para que quando a primeira camada política cair, a segunda não esteja tão podre quanto a que já exista. Na parte econômica devemos torcer para que não ocorram mais desmontes dos direitos trabalhistas e previdenciários, pois o Brasil é um dos sete países com pior distribuição de renda. Fico no campo dos pessimistas. A longo prazo não ocorrerão mudanças. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

LEONOR GARBIN

'Competência contra o preconceito'

As mulheres, mesmo sendo maioria no mercado de trabalho, ainda são minoria em cargos de chefia. A médica Leonor Savarese acredita que com competência o preconceito será superado

De acordo com pesquisa Pnad 2015, as mulheres representavam 4,7 milhões de profissionais dentre os quais 63% eram homens em cargos de chefia. Segundo Leonor Garbin Savarese, médica formada pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP) e Especialista em Radiologia e Diagnóstico por imagem pelo Colégio Brasileiro de Radiologia, os desafios sempre existirão, mas é importante não se deixar abater e mostrar que independente do preconceito, o que importa é ser competente

POR THAMIRES FERREIRA

Mural Entrevista: Doutora Leonor, qual o seu ponto de vista em relação à desigualdade que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho?
Leonor: As questões culturais, que sempre colocam a mulher na posição de cuidadora e protetora acabam afastando a participação da mulher em algumas profissões de melhor remuneração. As profissões tidas como femininas são geralmente ligadas a relações humanas e apesar do incentivo, permanece uma barreira cultural. Entretanto, a minha opinião é que enquanto as mulheres continuarem se portar como vítimas ou injustiçadas, esta situação tende a permanecer.

Qual a proporção de homens e mulheres no seu local de trabalho realizando a mesma função?

Atualmente trabalho em três lugares: no Hospital das Clínicas da FMRP-USP, na clínica Radiologia Especializada e no Hospital da Unimed, sendo que nestes três lugares a proporção de homens e mulheres chega a ser de três para um.

Em algum momento em sua carreira a senhora foi subestimada por ser mulher dentro do meio radiológico?
Já passei por uma situação em que uma paciente do sexo feminino se dirigiu a mim dizendo que confiava mais em médicos do sexo masculino.

Nos locais onde trabalha, as profissionais portam se de maneira diferente aos homens? Por que?
Não. No meio acadêmico e profissional médico o treinamento, experiência, competência e mérito são os fatores que ditam a forma como você é tratado, e não o gênero.

Alguma vez já presenciou uma situação de preconceito contra uma mulher, ou já vivenciou algo nesse sentido?
Já ouvi uma paciente dizer que confiava mais em um médico homem. Isso me incomodou um pouco por vir de uma mulher, mas conheço minha capacidade e não me deixo abalar com esse tipo de situação.

Em seu ponto de vista, qual é a principal barreira que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho?
No meu ponto de vista, tornar-se mãe, período tido como o ápice da maturidade feminina, é o principal entrave na colocação das mulheres no mercado de trabalho, pois o aumento do custo para manter esta trabalhadora faz com que o empresariado perca o interesse na contratação. Além disso, outro empecilho, na visão dos empregadores, é a maior probabilidade de a mulher-mãe ter de ausentar-se do trabalho para cuidar das crianças.

A senhora acredita que o fato das mulheres terem que conciliar o trabalho com o tempo com a família acaba fazendo com que elas não priorizem o trabalho como deveriam?
Sim, infelizmente é esperado pela sociedade que a mulher exerça o papel de cuidadora do lar, enquanto o marido se lança no mercado de trabalho e construa a sua carreira, e em geral é o que normalmente acontece. Porém, a minha filosofia é que a mulher só consegue estar bem com o parceiro e feliz no ambiente familiar se estiver realizada consigo mesma. Eu sou a favor que a mulher coloque a carreira em primeiro lugar, pois somente realizada é que ela é capaz de se doar verdadeiramente para a família. Lembrando que grande parte das mulheres opta por maior atenção à família em detrimento do trabalho por opção própria, e isso deve ser respeitado.

Em seu ponto de vista, os homens não aceitam ser comandados por uma mulher? Por que?
Não. No meu ponto de vista, se a mulher se impõe e exerce o seu cargo com propriedade, acredito que em geral ela não é submetida a esse tipo de situação.

A senhora alguma vez teve que trabalhar muito mais que um colega homem para conseguir visibilidade no meio profissional?
Não. Nunca me senti discriminada no local de trabalho devido ao meu sexo. Em vez de jogar o jogo do vitimismo, prefiro jogar o jogo da competência. Sou uma mulher, sou forte e não sou vítima. E espero que as mulheres parem de tentar nos transformar em uma.

Se a senhora pudesse dar um conselho as mulheres sobre como lidar com situações de discriminação no mercado de trabalho, qual seria?
Meu conselho é que as mulheres se imponham de maneira a conquistar seu local no mercado de trabalho através da competência, e não admitam serem caracterizadas como uma minoria fraca. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

DRIELLY BISPO

'Orgulho em compartilhar'

Com uma vida virtual bem ativa no Facebook e instagram com milhares de seguidores, Drielly Bispo compartilha fotos e novidades em seus sites e blogs

Trabalhando por conta própria no ramo de marketing digital, Drielly Bispo, aos 23 anos, é proprietária da empresa Uniê Comunicação e Design. É autora de um blog, o Assento Público, e de uma página no Facebook chamada Ribeirão Gastrobeer. Na página posta suas matérias sobre cervejas artesanais, conta como é estar, compartilhar e lidar com o meio cervejeiro. A empreendedora também relata os seus desafios e as conquistas.

POR DUDA ANTIÓRIO

Mural Entrevista: Como descobriu seu interesse pelas mídias digitais e pelo empreendedorismo?
DRIELLY BISPO: O interesse veio quando trabalhei na empresa do meu tio, e fiquei responsável pela criação de arte que a empresa publicava no facebook, fazendo a parte de marketing. Como não sabia nada, contrataram um professor de Publicidade e Propaganda, que começou a me explicar sobre o assunto e me indicou alguns cursos. Fiz o primeiro que foi de illustrator e comecei a criar. Fui me aperfeiçoando, fazendo em seguida o curso de photoshop e de fotografia. Depois de alguns anos trabalhando insatisfeita nessa empresa, veio o interesse pelo empreendedorismo e ainda sobre home office, que também era uma parte que estava dando certo. Com isso, eu quis sair e montar a minha própria empresa.

Quando começou com o empreendedorismo o que tinha em mente?
Comecei com dois clientes engajados, e tinha em mente continuar a atendê-los. Percebi que estava dando certo e eu ainda estava empregada. Fui daqueles empreendedores mais cautelosos. Tendo em mente que daria certo, atendendo meus clientes, os conquistando cada vez mais e conseguir me dedicar totalmente à empresa que construí.

Como surgiu a ideia para criar seus sites e blogs?
Surgiu ainda na empresa do meu tio, quando conheci um rapaz de uma empresa de marketing que contrataram. Ele tinha um blog com receitas de panquecas e ganhava muito dinheiro com isso, e então, percebi que eu também poderia criar um blog com receitas, já que meus pais e minha avó na época cozinhavam bem. Pensei em pegar as receitas e postar. Comecei a ser autodidata nessa parte de fazer sites e criei o meu primeiro blog, que se chamava "receitasemfamilia.com.br". Era um blog bem ruim, porque foi o primeiro que fiz, e sozinha não deu certo. Então, com o tempo fui me aperfeiçoando. Quis fazer um blog de dicas, falando sobre filmes e assuntos relacionados, ele se chamava "vivaladicas", mas também não deu certo. Já o Ribeirão Gastrobeer, quando pensei, foi porque notei a falta de um site que desse dicas em Ribeirão, sobre bares e pubs e outros locais de gastronomia e bebidas. Porém, também não deu certo, mas quando comecei a postar sobre eventos que iriam acontecer ou que estavam ocorrendo fez sucesso por ser um guia local, atualizado diariamente. O Assento Público também seguiu essa linha, porque vi que o Ribeirão Gastrobeer estava dando certo, então eu quis ampliar, fazendo dele um guia cultural, contando o que está acontecendo no cinema, música, arte e ainda com a cultura cervejeira e gastronômica.

Com a página Ribeirão Gastrobeer você trabalha bastante com postagens de cervejas artesanais. Teve alguma reação negativa por ser uma mulher publicando?
Nunca tive problemas postando sobre cervejas, e eu vejo que hoje as mulheres estão muito inseridas nesse ramo cervejeiro e várias sommeliers são muito boas. Eu acredito que não tenha mais esse preconceito no meio. Conheço mulheres que trabalham na Ambev, Colorado e que são as sommeliers, ajudam a fabricar cervejas, dão palestras, como eu também já fui chamada para eventos cervejeiros e nunca foi um problema eu ser mulher.

Quais são as maiores dificuldades que as mulheres encaram nesse ramo?
A maior dificuldade que a mulher encontra, em qualquer ramo na verdade, e principalmente quando ela está empregada, e ela encontra o empreendedorismo como alternativa, é quando ela quer ser mãe ou engravida. Porque a empresa já vai ter um preconceito de que ela nunca mais será a mesma, pois vai ficar apenas com o filho. Esse preconceito é um dos motivos que faz a mulher empreender, pois quando ela engravida, às vezes, não consegue voltar para o serviço. Ao empreender, faz seu próprio horário podendo ficar com seu filho quando ele precisa.

Você acredita que há algum sexismo velado no ramo?
Vejo que atualmente o homem e a mulher estão basicamente muito iguais, porque é uma luta constante da mulher, mas nós já conquistamos, ainda mais nesse ramo digital. É um mercado muito para frente, onde as pessoas são completamente abertas.

Como você observa a sociedade com relação a mulher ser independente e trabalhar com o que quiser?
Eu analiso que é algo muito bom, que as mulheres, com o tempo, demoraram para conquistar e hoje vêm conquistando cada vez mais. É um movimento muito forte, pois cada dia mais elas se unem, e isso é muito bom, elas poderem trabalhar do jeito que quiserem. Tem mulheres hoje que se juntaram e ambas abriram uma empresa que acelera outras e tem uma creche dentro. É realmente algo muito bom, muito positivo, e cada vez mais nós temos que conquistar o que queremos. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

GUILHERME MORETTI

'Consequências das privatizações'

O governo federal anunciou um plano para privatizar mais de 57 ativos que atualmente estão sob controle estatal. O principal interesse é cobrir o rombo nas contas públicas

O governo federal pretende privatizar a Casa da Moeda, a Eletrobrás, alguns aeroportos, terminais portuários e rodovias. O objetivo é fazer caixa para cobrir o rombo das contas públicas de R$ 159 bilhões acumulados nos últimos 12 meses. Guilherme Moretti, atua na área do direito, da administração e da gestão pública e na entrevista a seguir analisa o processo de privatização brasileiro.

POR THOMAZ CAVALCANTI CARDOSO

Mural Entrevista - De que maneira o leilão de empresas estatais pode contribuir para reverter o atual quadro econômico brasileiro?
Guilherme Moretti - O leilão de empresas estatais promovido pelo atual governo tem objetivo único de arrecadar recursos para equilibrar as contas públicas e não a melhoria dos serviços prestados à população. Assim, os leilões propostos (Casa da Moeda, a Eletrobrás, aeroportos, terminais portuários e rodovias) terão efeitos imediatos de equilíbrio das finanças, sem a real finalidade que toda ato administrativo deveria ter, o interesse público.

Quais as empresas o senhor acha que deveriam ser leiloadas? Por quê?
Na atual conjuntura, deveria ser feito um levantamento sobre quais as organizações que não estão sendo eficientes e não estão atingindo o bem público. Esse tem que ser o critério para privatizar. Historicamente no Brasil, os governos, estadual ou federal não têm capacidade suficiente para gerir e manter as rodovias adequadamente, garantindo qualidade à população. Nesse caso, as privatizações devem iniciar pelas rodovias.

Como o senhor acredita que ficaria o serviço oferecido por essas empresas caso elas fossem privatizadas?
As privatizações trazem mais eficiência para as organizações, pois os desperdícios são eliminados, os salários são readequados de acordo com o mercado e se implanta uma gestão com base na lucratividade. Isso, na maioria das vezes, traz uma oferta de serviços mais eficiente, no entanto, o preço para sociedade acaba sendo maior.

Pelo fato de o Brasil ser um país que se caracteriza pela corrupção, o senhor acredita que os desvios nas empresas diminuiriam caso fossem privatizadas? Por quê?
A maioria das empresas que arrematam as organizações públicas são grandes grupos e empresas. Essas empresas têm setores que combatem práticas corruptas, como por exemplo, setores de compliance. Esses setores enfrentam com veemência as práticas de corrupção.

O governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ficou conhecido por ter privatizado diversas empresas estatais. Quais as consequências que essas privatizações trouxeram para o país?
Em alguns setores, as privatizações foram muito positivas, como por exemplo, o setor de telefonia. Isso trouxe desenvolvimento e popularização do telefone no Brasil. Já a privatização da Vale do Rio Doce foi desastrosa, pois foi a empresa vendida por um preço muito aquém do seu potencial.

Qual a comparação que pode ser feita sobre a administração das empresas estatais e as privadas?
Temos que comparar empresas privadas e estatais de grande porte. Geralmente, as privadas são mais eficientes, principalmente no controle de custos. No entanto, vemos no Brasil que as grandes empresas privadas ainda dependem muito do poder público para sobreviver. Isso fica claro quando analisamos as grandes construtoras cujos principais clientes ainda são os entes públicos.

Atualmente, as empresas estatais estão com seu crescimento estagnado. O senhor acredita que a privatização possa reverter esse quadro? Como isso seria possível?
Provavelmente, elas crescerão, pois se busca mais eficiência na gestão.

Quais as consequências da privatização de empresas para a população brasileira?
A população, provavelmente, terá serviços mais eficientes, no entanto, por preços maiores.

O senhor acredita que o governo brasileiro possui estrutura e capacidade para continuar administrando as empresas que pretendem ser leiloadas?
Acredito que algumas dessas organizações estatais conseguem cumprir com seu papel que é atingir o bem público, no entanto, outras, como por exemplo, as rodovias, o governo não tem capacidade de gerir de modo a garantir bons serviços.

Quais os resultados da privatização para os funcionários dessas empresas estatais? Eles seriam prejudicados ou beneficiados com a privatização?
Vai depender das regras do edital, mas geralmente há uma redução expressiva do número de funcionários com uma remodelagem da gestão, sempre buscando a diminuição dos custos. Hoje, algumas categorias de funcionários públicos são extremamente privilegiadas, principalmente com salários muito maiores do que aqueles praticados no mercado. Dessa forma, quando há privatizações, as empresas precisam ser readequadas ao mercado e isso fará com que busquem funcionários mais baratos. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

SELMA REGINA SOUZA

'Livros e leituras para a vida'

Professora de Português e Redação fala sobre os problemas causados pela falta de leitura na construção da cidadania

Pesquisa do Instituto Pró-Livros mostra a diminuição do índice de leitura entre jovens. Principalmente na adolescência, fase em que é essencial progredir no entendimento de textos. Isso acarreta prejuízos à vida, especialmente no ingresso à universidade e na formação acadêmica. Selma Regina Souza Ramos, professora de Português e Redação, afirma que além da má formação acadêmica decorrente da falta de leitura, a construção de um cidadão passa necessariamente pelo conehcimento de seus diretos e deveres. Esse e outros problemas são causados pela abdicação da leitura e a professora esclarece também como a tecnologia pode levar ao desinteresse pela leitura.

POR VINÍCIUS BIS

Mural Entrevista: As gerações jovens estão lendo menos? E quanto isso é prejudicial à vida acadêmica?
Selma: Sim, estão lendo bem menos e isto é prejudicial não só para a vida acadêmica como também para sua formação enquanto cidadãos, uma vez que ignoram direitos, deveres e são facilmente manipulados.

Cursos de ciências humanas, principalmente, exigem muita leitura. Quais as consequências para futuros jornalistas, publicitários, entre outros, da falta de leitura?
Simplesmente o fracasso, pois devem atuar como divulgadores da informação, e no caso de publicitários irão faltar à habilidade de persuasão.

Qual é o papel da literatura infantil na alfabetização e como isso pode ajudar os jovens no período de ingresso na universidade?
A literatura infantil promove estímulo à imaginação, favorece o aprimoramento para o raciocínio e autonomia para criar, desenvolver ideias. Esses fatores são fundamentais para alicerçar o aprendizado e ingresso na universidade.

O vestibular exige do aluno horas de dedicação e concentração à leitura. Muitos não costumam abrir um livro sequer durante o ano. O quanto é prejudicial para o aluno ter esse costume nesses momentos?
Para estes momentos?
Eu iria mais longe. Para o seu futuro. Aluno que não tem hábito de leitura não consegue atingir objetivos para ingresso em boas universidades e, se por acaso consegue, terá dificuldades para finalizar o curso, já que este exige conhecimento que se efetua com leitura.

O hábito da leitura vem diminuindo gradativamente. Quais efeitos isso pode trazer para a sociedade? Como se pode reverter esse quadro?
As consequências são: sociedade alienada, incapaz de promover mudanças políticas e sociais. A reversão pode ocorrer com estímulo nos lares e por meio da mídia, agentes influenciadores dos diversos grupos sociais. A melhoria da educação que, ao invés de impor leitura, pode propor o prazer por ela também ajudaria.

Dados mostram que comparando 2007 a 2012, o número de livros lidos anualmente pelos jovens diminuíram de 6,9 para 5,4 em média. Isso se mantém por causa da leitura obrigatória que escolas impõem à seus alunos. O que as escolas e as famílias podem fazer para estimular a leitura?
Nos lares, pais devem ser modelo de leitores, pois se estes não leem, e não leem para os filhos desde a primeira infância, poucos resultados conseguirão com seus filhos que precisam ganhar livros rotineiramente para gostar de ler.

O que mudou no modo de ver e ensinar a alfabetização de 40, 50 anos atrás para hoje? Como a senhora enxerga isso?
Infelizmente, pouco mudou. A educação no Brasil segue no modelo ditador de regras e pouco estímulo para alunos protagonizarem seus interesses por aprendizagem.

O que o avanço da tecnologia e a criação de ferramentas voltadas para o uso da internet como o Bing e o Google, trazem de positivo e negativo na disseminação de informação para jovens?
Não vejo nada de negativo, pois a tecnologia é ferramenta para acessar informações e cabe ao usuário saber lidar com a imensidão de informações que lhe é acessível a fim de selecionar o interessante, comparar e ter direito de escolher o que lhe é coerente.

Menos de 70% daqueles que apresentam diploma de nível superior, segundo índices da Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional), consegue ser proficiente na leitura e escrita. Isso é analfabetismo funcional. Como funciona e por que esse é um problema tanto na vida profissional, quanto na rotina diária.
Analfabetismo funcional limita o indivíduo à compreensão de textos, frases e até mesmo expressões. Logo é problema sério para a habilidade de pensamento e evolução da autonomia para escolhas tanto individuais como sociais, ou seja, tem-se um cidadão mal formado tanto para o mercado de trabalho, quanto para exercer sua cidadania.

Comente sobre comunicação pela internet e como isso atrapalha na hora de elaborar uma redação.
A comunicação pela internet deve ser uma ferramenta de pesquisa a fim de selecionar informações que possam agrupar um posicionamento que compactua com o leitor. Entretanto, se ele for uma pessoa que não tem hábito de leitura, apenas copiará informações, ou seja, reproduzirá palavras sobre as quais não tem conhecimento algum e pouco estruturará seu pensamento, o que resultará em agrupamento de palavras e não em texto. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

DEISE HELENA

'O estado da saúde de Cravinhos'

A analista da educação continuada da Santa Casa de Cravinhos Deise Helena aponta os problemas e as possíveis soluções para que o funcionamento do hospital seja eficiente

A Santa Casa de Cravinhos vem sofrendo um problema sério que os hospitais do Brasil também enfrentam: a superlotação e o mau atendimento dos pacientes. A população reclama nas redes sociais, mas apesar dos protestos a situação não melhora. Muitas pessoas esperam horas na fila e mesmo assim não recebem o atendimento adequado. Os principais problemas são a falta de salas e de medicamentos solicitados pelos médicos e a ausência de um centro cirúrgico. Na entrevista a seguir, a analista Deise Helena apresenta possíveis soluções para esses problemas.

POR VINÍCIUS PINTO

Mural Entrevista - O Pronto Atendimento funciona de uma maneira que satisfaça o funcionário e o paciente?
Deise - Não, nem sempre a gente consegue atender as solicitações dos pacientes. Nesse lugar acontecem as urgências e as emergências. Isso ocorre por uma norma do Ministério da Saúde que se chama classificação de risco, uma triagem feita pela enfermeira ouvindo as necessidades dos pacientes.

O Pronto Atendimento recebe ajuda de custo? De onde vem essa ajuda?
Sim, vem da Prefeitura Municipal e uma verba do SUS (Sistema Unificado de Saúde). O órgão repassa uma verba mensal para todos os prontos socorros, e mesmo assim a Prefeitura ajuda. Isso ainda não é o suficiente para atender às necessidades dos pacientes.

Quando o paciente chega para ser atendido, como é feita sua avaliação? Ocorre algumatendimento especifico?
O paciente é avaliado, primeiramente, por uma enfermeira, respeitando a classificação de risco. Ele passa por uma avaliação específica. Esse exame ocorre com a queixa do paciente sobre o que ele está sentindo no momento.

O município possui transporte para atender toda a população?
Sim, possui peruas, vans, micro-ônibus, ambulâncias básicas e SAMU. Porém, na maioria das vezes, os pacientes, para receberem atendimento imediato, fazem solicitações desnecessárias. Isso dificulta a distribuição do transporte. Solicitamurgência e o serviço utilizaa única ambulância do SAMU. Os problemas acontecem quando eles saem para buscar um paciente e no local constatam que e a situação não corresponde ao que foi informado. Isso gera um problema. Nesse tempo, pode ocorrer um acidente e o transporte para o resgate está fazendo um atendimento que poderia ser realizado por uma ambulância simples.

O Pronto Atendimento possui os medicamentos solicitados pelos médicos?
Nem sempre, na maioria das vezes são medicamentos com custos altos. Esses remédios não são comprados devido ao controle na distribuição das verbas devido à redução de custos. Uma solução seria padronizar medicamentos.

A forte reclamação feita pelos moradores da cidade interfere no rendimento dos funcionários?
Sim, atrapalha, porque quando o paciente procura atendimento nunca está sozinho. Quando ele não se manifesta de maneira agressiva, o próprio acompanhante tumultuao serviço dos funcionários.

Quando o paciente chega ao Pronto Atendimento e precisa de uma especialidade, qual o processo necessário para que seja atendido?
Nenhum pronto-socorro tem especialidades. O paciente vai ser avaliado pelo clínico geral e o médico que o atendeu encaminhará para os postos de saúde com guia de contrarreferência. Isso se o paciente puder esperar. Na urgência e na emergência, o paciente é regulado via cross (processo de internação), onde será atendido em um hospital terceirizado que tenha a especialidade de que precisa.

Por que as pessoas procuram o Pronto Atendimento em vez das unidades de cada bairro?
Porque o atendimento é mais rápido. Eles são medicados de imediato. Em 50% desses atendimentos, os pacientes solicitam atestados médicos. Muitas vezes, essas pessoas não estão com algum problema sério, só querem buscar um atestado.

Quando uma gestante chega ao Pronto Atendimento com a bolsa rompida, o que os funcionários fazem, uma vez que não háum centro cirúrgico?
A paciente é colocada na sala de ginecologia, onde acontece o atendimento pelo médico. O clínico geral avalia se a paciente e o bebê têm condições de aguardar o transporte via cross. Se o bebê estiver nascendo, o parto será realizado pela equipe de enfermagem juntamente com o médico clínico. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2017

ANO 13 | Nº 16 | RIBEIRÃO PRETO

ANA LAURA COFFANI

'De um Universitário para outro'

Ana Laura Coffani, 23 anos, formada em administração pela USP, é uma das sócias do GUni, um guia universitário que centraliza as informações que o estudante atual necessita

O aplicativo com mais de dez mil downloads começou com uma página para a postagem de fotos de festas e cresceu para um empreendimento com potencial. Determinada a trabalhar com o que gosta, a administradora que acredita no sucesso do projeto contou, na entrevista a seguir, como ocorreu a popularização do GUni.

POR VITOR TAKATU

Mural Entrevista - Como foi tornar algo que era diversão em trabalho? Dá para se divertir mesmo estando trabalhando?
Ana Laura - Confesso que mudou bastante o modo como encaro o lazer. Atualmente, é bem difícil eu ir a festas universitárias sem estar trabalhando. Na maioria delas o GUni está e é bem difícil não "ficar de olho" em tudo que está acontecendo. É engraçado, mas ainda hoje eu me divirto muito fazendo meu trabalho. Adoro o público. As festas são um ótimo momento para fazer networking. O difícil é convencer meus pais que ir a três festas durante a semana faz parte do trabalho. Sobre diversão, tenho certeza de que se eu não conseguisse não estaria no GUni até hoje. Sou muito apaixonada pela vida universitária e poder transformar isso em trabalho é maravilhoso. Atualmente, o aplicativo exige uma rotina muito comercial. Minha agenda tem mais reuniões do que realmente ir a festas todos os dias. Por incrível que pareça, consigo me divertir com isso também.

Como empreendedora, qual o maior erro dos jovens na carreira profissional?
Não consigo dizer o maior erro, mas identifiquei uma prática comum e decidi não seguir por ela. Não aceitar nada que não fosse um programa de trainee. Eu que fiz Administração na FEA-RP/USP vivenciei uma cultura fortíssima de participar de entidades, de fazer estágio e entrar em programa de trainee. Sinto que a galera nem reflete mais sobre isso, a maioria vê essa oportunidade como a única opção de sucesso e segue isso incansavelmente. Eles não veem que mil outras chances mais que você nem curte, mas caiu lá porque estava pensando meramente em preencher o currículo, isso não tem graça nenhuma. Quero brilho no olho.

Dentro de uma crise econômica como a atual é preciso inovar para ganhar clientela. Como o GUni fez isso?
Honestamente, não conseguimos sentir um impacto direto da atual crise econômica e vejo dois grandes motivos para isso: começamos a monetizar dentro da crise, então talvez a gente nem conheça o cenário sem crise. O mercado universitário é pouco sensível a crises econômicas. O número de festas não diminui e nem o consumo nesses eventos. Independente disso, nada justifica um posicionamento estático. Inovamos muito nesses últimos meses, desenvolvemos soluções inovadoras estão se abrindo com maior possibilidade de crescimento.

Como um jovem pode se destacar?
Eu gosto de ver pessoas que querem muito fazer algo mais. Parece clichê, mas acho que o que mais me chama a atenção são pessoas apaixonadas. Pode ser pela entidade estudantil que participa ou pela empresa que trabalha, algo que me desmotiva mesmo é ver uma pessoa que precisa ser convencida, em todos os momentos a fazer algo diferente. Gosto de conhecer pessoas que tenham histórias para contar, histórias que te fazem querer escutar até o fim. Ser presidente de uma entidade profissionais para o mercado universitário que ainda não existiam, criando uma nova demanda nesse público. Mesmo nossos clientes não pagando pelo app, temos sempre que conseguir não só downloads, e sim uma base de fãs e usuários ativos, transformando isso em nosso maior diferencial.

Foi feita uma pesquisa de mercado antes da criação da empresa?
Estudamos bastante. A maioria dos sócios iniciais estudava administração e posso dizer que fizemos nosso dever de casa. Desde uma pesquisa para mensurar o volume que o mercado universitário gira com festas no ano até as entrevistas em profundidade para definição de público. Desenhamos o modelo de negócio inúmeras vezes, tivemos vários mentores nos ajudando nessa etapa e que continuam até hoje. Entrar para o Supera Parque também nos ajudou bastante nisso.

O GUni foi algo que podemos considerar "revolucionário" no mercado universitário? Qual é a dica que você dá para quem quer criar algo do tipo?
Ainda não posso dizer que o GUni revolucionou o mercado universitário. Quando a gente estiver com mais de um milhão de usuários ativos, aí estaremos falando de uma revolução. Queremos ser uma necessidade na mão de qualquer estudante. Está escrito no nosso contrato social "queremos ser o melhor guia universitário da Via Láctea e da região", aguardem. Quem sabe na próxima entrevista, eu já tenha que reformular essa resposta. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Profº Murilo Pinheiro
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp